



# **BOLETIM INFORMATIVO**

Província do Rio de Janeiro

**Ano LVII | Nº 2**  
maio a agosto

# Boletim Informativo das Filhas da Caridade de São Vicente De Paulo

PROVÍNCIA DO  
RIO DE JANEIRO

Maio a Agosto | 2022

PALAVRA DA VISITADORA .....	03
PALAVRA DO PADRE DIRETOR .....	07
<b>FORMAÇÃO PERMANENTE</b>	
- A Espiritualidade da Misericórdia .....	11
- Resignificar a Vida Religiosa e Consagrada em uma Igreja sinodal. Travessia sinodal, em Igreja e para o Reino .....	20
<b>A IGREJA</b>	
- Despertem o mundo! .....	35
<b>COM A PALAVRA, NOSSAS IRMÃS</b>	
- Conversa entre Amigas II .....	48
<b>NOTÍCIAS</b>	
- #SAVV.RIO.50ANOS .....	51
- Encontro de Irmãs Serventes, Entrega do Documento Interassembleias e Dia da Visitadora .....	53
- 26ª Assembleia Geral da Conferência dos Religiosos do Brasil: Horizontes e Prioridades .....	56
- IX Interprovincial do Serviço de Animação Vocacional .....	57
- Celebrando o Jubileu .....	68
- Ingresso no Pré-postulado .....	72
<b>NOSSAS IRMÃS NA CASA DO PAI</b> .....	73
<b>SOLIDARIZANDO-NOS COM AS NOSSAS IRMÃS NA DOR</b> .....	75



COMPANHIA DAS  
**FILHAS DA CARIDADE**  
DE SÃO VICENTE DE PAULO  
PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO

## PALAVRA DA VISITADORA

*Ir. Selma Aparecida dos Santos, fc*

### Participação da Província do RJ na 26ª Assembleia Nacional Eletiva da CRB Nacional

*“Vida Religiosa querida e cheia de graça:  
pequena e também sujeita a todos os ventos,  
realidade frágil e forte; nunca terminada...*

*Segue adiante!*

*No momento oportuno Ele faz nova sempre  
todas as coisas”.*

*(Irmã Ana Roy)*



Nos dias 19 a 22 de julho de 2022 aconteceu a 26ª Assembleia Geral Eletiva da CRB Nacional, em Brasília-DF, com o tema: *Ressignificar a Vida Religiosa Consagrada em uma Igreja sinodal* e o lema bíblico: “PERMANECEI NO MEU AMOR” (Jo 15,9), da qual tivemos a graça de participar, Ir. Lúcia Pereira dos Santos e eu, representando a nossa Província do Rio de Janeiro.

A cada três anos, representantes de diversas Congregações e Instituições da Vida Religiosa Consagrada se reúnem para dinamizar a fidelidade criativa ao Evangelho e aos carismas fundacionais, em comunhão com toda a Igreja. Esta foi uma Assembleia Geral Eletiva, levando em conta o dinamismo da escuta, o empenho do discernimento e a clareza das opções para ressignificar o SER pessoas consagradas na complexa realidade brasileira.

Com a participação de 401 Religiosas e Religiosos presentes, foi eleita a nova presidente da CRB Nacional, Irmã Eliane Cordeiro - Mercedária da Caridade, para o triênio 2022-2025. A Companhia esteve representada nesta Assembleia Eletiva com a participação de Irmãs das seis Províncias do Brasil.

Na abertura, transmitida ao vivo e acompanhada por mais de 1000 religiosos e religiosas do Brasil e de outros países, o Núncio Apostólico

no Brasil, Dom Giambattista Diquattro transmitiu a saudação do Papa Francisco aos participantes e manifestou seu apreço *“pela sensibilidade e pela manifestação da Vida Religiosa do Brasil em relação à forma sinodal que o Santo Padre deseja que seja impressa na vida do povo santo de Deus”*. O Núncio participou de todos os dias da Assembleia. *“Obrigado por tudo o que vocês oferecem à Igreja em todos os dias de suas vidas, com o silencioso, tenaz e gratuito dom de vocês mesmos. Obrigado a todos aqueles que vocês representam e compartilham a mesma alegria de viver com o Senhor e de servi-lo na Igreja”*.

Participou também a Presidente da Conferência Latino-Americana dos Religiosos - CLAR, Irmã Glória Liliana Franco Echeverri, ODN. Em sua fala, ela desejou um encontro fecundo, em torno de três palavras: contemplação, compaixão e companhia. *“Que este seja um espaço para contemplar o amor e o clamor de Deus às realidades que nos chamam. Que esta assembleia possa ser oportunidade de contemplação, em um itinerário de abertura. De compaixão, para nos tornarmos mais solidários e amorosos, mais ternos e capazes de caminhar com nosso povo e comovermo-nos com as realidades de nossa terra e de nossas culturas. E que possamos ser companhia para aqueles com quem convivemos por esses dias, em um exercício de autêntico amor, de caminhar juntos como irmãos sinodalmente”*.

Dom Paulo César Costa, Arcebispo de Brasília, acolheu a Assembleia, dizendo: *“saúdo com alegria e afeto cada participante, feliz pelo tema e pela proposta de ressignificar a Vida Religiosa, buscando a centralidade de Jesus Cristo, que é onde está a força da Vida Religiosa e a capacidade de renovação.”*

De Roma, Dom João Braz de Aviz, Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, enviou sua mensagem ao vivo: *“Uma saudação a todos vocês com alegria! Temos rezado aqui em Roma, na nossa casa, por todos vocês e por esse momento de grande importância e simplicidade desse caminho que estamos realizando hoje na Igreja. O caminho da Sinodalidade”*. Falou sobre a importância do tema do encontro: *“é preciso dar um novo sentido, um novo modo de existir praticamente em toda a nossa vida cristã, antes ainda da nossa vida consagrada. Então, esse caminhar juntos significa agora a passagem, naturalmente, de uma espiritualidade prevalentemente individual para uma espiritualidade como assembleia, como corpo, como comunidade. Uma passagem que todos estamos aprendendo na Igreja. Nós, aqui, sentimos muito de perto isso, pela força do testemunho e da palavra do Papa Francisco.”*

Com a eleição da nova Diretoria da CRB Nacional, foi apresentado também o horizonte que norteará a caminhada da CRB para o novo triênio 2022-2025: *“Nós, na busca de ressignificar a Vida Religiosa Consagrada no discipulado de Jesus Cristo, em sinodalidade, missionariedade e contínua conversão, à luz da Palavra, somos convocadas e convocados a permanecer no Seu amor, escutar e responder, com esperança, os gritos e os clamores de nosso tempo, para tornar visível o Reino de Deus”.*

Transcrevo aqui a Mensagem Final da 26ª Assembleia Geral Eletiva da CRB, a qual traz a síntese do que vivenciamos nestes 4 dias de Encontro:

*“Como religiosas e religiosos do Brasil, reunidos(as) na 26ª Assembleia Geral Eletiva (AGE), nos dias 19 a 22 de julho de 2022, mergulhadas(os) nos desafios dos contextos atuais fomos interpeladas(os) a darmos uma resposta comprometida com a vida onde ela grita, nas periferias existenciais e geográficas.*

*Convocadas(os) a ressignificar a VRC numa Igreja sinodal, guiadas(os) pela Palavra de Deus, com o testemunho das mulheres da aurora (Lc 24,1-12), esquecidas e silenciadas, que atravessam a noite escura, nos sentimos inspiradas(os) a permanecermos no amor de Jesus Cristo (Jo 15,9).*

*Imbuídas(os) pelos três temas eixos – Centralidade em Jesus Cristo, Sinodalidade e Missionariedade – vivenciamos uma experiência de conversão, que nos desafia a abraçarmos com maior compromisso o discipulado de Jesus Cristo, mantendo os olhos abertos à realidade, os ouvidos atentos, os pés unidos no caminhar do povo de Deus e de mãos dadas na intercongregacionalidade e interculturalidade, sendo uma VRC em saída, aberta às novas gerações, fortalecendo a comunhão com os leigos(os) que caminham conosco*

*Diante de uma necropolítica que ameaça a democracia, que instrumentaliza a vida, destrói os corpos, desencadeia a morte e faz morrer; comprometemos com o valor da vida, os direitos humanos, a ecologia integral, a dignidade de cada pessoa e as novas formas de relações humanizadas e humanizadoras.*

*Num exercício permanente de reconciliação, fazemos nosso sincero pedido de perdão pelas nossas atitudes tantas vezes autoritárias nas relações, individualistas, cômodas e a ‘doença do clericalismo’. Queremos ser tecedores(as) da esperança, da beleza do evangelho, na construção de um horizonte de comunhão e vida plena.*

*Agradecemos de coração a Ir. Maria Inês Vieira Ribeiro, MAD, e sua equipe, sobretudo por sua presença carismática e profética em vários âmbitos da Igreja do Brasil, pelos processos de inserção da VRC nos diversos desafios religiosos e sociais.*

*Acolhemos com afeto e esperança a Irmã Eliane Cordeiro de Souza, mercedária da caridade, nova presidente da CRB e a nova Diretoria eleita para o triênio 2022-2025.*

*Que a Ruah Divina, faça arder o nosso coração e nos conceda a fé das mulheres da aurora. Que Nossa Senhora Aparecida e nossos santos(as) fundadores(as) abençoem e fortaleçam nossa missão como VRC no Brasil.*

Brasília, 22 de julho de 2022,

Festa de Santa Maria Madalena, *a mulher da aurora.*"

Permaneçamos no amor de Jesus e reforçemos em nós a comunhão com a Vida Religiosa Consagrada no Brasil, para que, juntos, possamos continuar o caminho sinodal e assim sermos, cada vez mais, uma Igreja em saída, uma vida consagrada que sai das suas comodidades e zonas de conforto para servir, realizando a nossa condição batismal como discípulos e discípulas de Jesus.

*Ir. Selma Aparecida dos Santos, fc*

## PALAVRA DO PADRE DIRETOR

Pe. Vandeir Barbosa de Oliveira, Diretor Provincial

### A PALAVRA DE DEUS, FONTE DE ESPERANÇA

A Exortação Apostólica *Verbum Domini*<sup>1</sup> afirma que a Palavra de Deus alcança as pessoas "através do encontro com testemunhas que a tornam presente e viva. Particularmente as novas gerações têm necessidade de ser introduzidas na Palavra de Deus através do encontro e do testemunho autêntico do adulto, da influência positiva dos amigos e da grande companhia que é a comunidade eclesial".



São Vicente de Paulo, desde sua mais tenra idade, encontrou testemunhas vivas e autênticas da Palavra de Deus: seus pais e seus familiares, a comunidade, seus professores de teologia, orientador espiritual como Pierre de Bérulle, amigos como Francisco de Sales, Luísa de Marillac, e tantos(as) outros (as). Por isso, as pessoas que encontravam São Vicente podiam encontrar um homem que se deixou plasmar pela Palavra de Deus. E em particular, entre tantos textos bíblicos, alguns moldaram e orientaram-no num itinerário único, o serviço de Cristo nos pobres. No contato prolongado com esses textos, e aberto à realidade humana nos seus dramas, o Espírito Santo vai oferecendo com feliz oblação o próprio Vicente de Paulo à humanidade sofredora, em particular aos pobres, na linha de Lucas 4, 18: "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque Ele me ungiu para evangelizar os pobres...".

São Vicente, tocado pelo Espírito Santo, inspirador do texto bíblico e do leitor, assume a essência desta Palavra divina como a missão de sua vida, e essa mesma Palavra torna-se central também para todos(as) que seguem Cristo à maneira de Vicente: "tornar Deus conhecido dos pobres, anunciar-lhes Jesus Cristo e que Ele é para os pobres. Oh! Como isso é sublime! (...) é um ofício tão relevante, que é, por excelência, o ofício do Filho de Deus"<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Papa Bento XVI, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini*, n. 97.

<sup>2</sup> S. Vicente de Paulo, Conf. de 6 de dezembro de 1658, *Sobre o fim da Congregação da Missão*, T. XII, p. 82.

Segundo o testemunho de Abelly, São Vicente era um homem de Deus cuja fé e obras estavam enraizadas na Palavra de Deus: São Vicente, nos dizia Abelly, “tomou Jesus Cristo, nosso divino Salvador, como único modelo de sua vida, de modo que a imagem do Cristo gravou-se profundamente em seu espírito; assim, Vicente possuía tão perfeitamente as máximas do Evangelho do Cristo, que ele parecia falar, pensar e agir unicamente segundo a imitação e o comportamento de Cristo, de modo que podemos dizer que a vida de Jesus Cristo e o seu Evangelho eram a única Regra da vida e das ações deste seu servidor”<sup>3</sup>.

Lendo os sinais dos tempos, os anseios e esperanças dos pobres à luz da Palavra de Deus, Vicente descobre que Nosso Senhor não só considera como feito a ele mesmo o que é feito aos “pequenos” (cf. Mt 25, 31s), mas que Ele está nos pobres, nos pequenos, pois Ele quis identificar-se com eles: por isso, “tratando-os com doçura e respeito, lembramos que é a Nosso Senhor que prestamos serviço, pois o considera como feito a Ele mesmo: ‘*cum ipso sum in tribulatione*’ (Sl 90, 15)... Se alguém está doente, também estou; se alguém está preso, também eu; se tem algemas nos pés, também eu as tenho. Há ainda outra razão, é que devíamos olhar os pobres como nossos senhores”<sup>4</sup>.

São Vicente, homem que encarna o Evangelho vivo, que vive o mistério do Cristo adorador do Pai e servidor da humanidade, em particular da sua porção mais empobrecida e abandonada, homem que não se antecipava ao passo da Providência nos seus desígnios, mobiliza todos e todas, mobiliza toda a Igreja, sobretudo as mulheres, para diante de todas as misérias promoverem e protegerem a vida e a dignidade das pessoas humanas em toda a sua extensão e situações: os doentes, as crianças expostas ao abandono, aos maus-tratos e a agressões; os galeotes, explorados tão desumanamente, tratados pior do que animais; as pessoas com deficiência; os deslocados por causa das muitas guerras daquela época; os agricultores que tudo perdiam por causa de guerras, de catástrofes naturais...

No contexto em que vivemos e no qual a Igreja exerce sua Missão enquanto Sacramento do Reino de Deus, o Papa Francisco tem convocado a Igreja – bispos, padres, diáconos, fiéis leigos(as), a Vida Consagrada, a não negligenciar e a não abandonar os pequenos, e a um renovado

<sup>3</sup> Abelly, *Vie du vénérable serviteur de Dieu Vincent de Paul*, I, 78. A tradução é nossa.

<sup>4</sup> 115 - Conf. de 25 de novembro de 1659, T.X, p. 889.

“compromisso com a verdade e na caridade com todas as pessoas de boa vontade e com a sociedade em geral, para lutar contra qualquer tipo de abuso de poder, sexual e de consciência”<sup>5</sup>.

A fidelidade à Palavra de Deus lida, meditada e aprofundada nos estudos, e encarnada à maneira de São Vicente e Santa Luísa, nos ajudará sempre a recuperar o frescor original do Evangelho, a ver despontar novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo de hoje<sup>6</sup>.

Ao mesmo tempo, da nossa fidelidade ao carisma vicentino podemos haurir a coragem de acreditar em Deus contra toda desesperança e guardar o presente e o futuro com esperança. O profeta Isaías<sup>7</sup> nos convida a buscar essa fidelidade: “Jovens podem cansar-se e estafar-se, guerreiros de elite podem tropeçar e cair, mas os que esperam no Senhor renovam suas forças, voam nas alturas como águias, correm e não se fatigam, caminham e não se cansam”.

E o Papa Francisco nos convida sempre a sermos pessoas consagradas cheias de esperança: “pode-se dizer que hoje não vivemos uma época de mudança mas uma mudança de época. Portanto, as situações que vivemos hoje apresentam desafios novos que para nós, às vezes, são até difíceis de compreender. Este nosso tempo exige que vivamos os problemas como desafios e não como obstáculos: o Senhor é ativo e age no mundo”<sup>8</sup>.

Recordemos que um dos melhores espelhos e veículos para a Palavra de Deus é o rosto alegre da pessoa consagrada. Assim ela transmite confiança em Deus e no nosso amanhã. A pessoa consagrada parece ser cada vez mais caracterizada como pessoa da esperança. Essa virtude teologal responde à grande carência das pessoas de hoje, e mais ainda nos tempos que estão sendo gestados. A fé em Deus Pai de Jesus e na sua Providência fundamenta a esperança.

O conhecimento da Palavra de Deus e o seu anúncio libertador rumo às periferias existenciais e aos marginalizados era também fonte de animação vocacional e fundamento da vocação para São Vicente. Peçamos ao Espírito Santo do Pai e de Jesus que o nosso contato frequente, pessoal

<sup>5</sup> Papa Francisco, *Carta ao Povo de Deus*, Cidade do Vaticano, 20 de agosto de 2018.

<sup>6</sup> Cf. Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, n.11.

<sup>7</sup> 40, 30s.

<sup>8</sup> Papa Francisco, *Discurso na Catedral Santa Maria del Fiore*, Florença, 10 de nov. de 2015.

e comunitário, com a Palavra de Deus nos revitalize sempre em nossa vocação e missão, e nos torne cada vez mais desejosos, desejosas de ser animadores(as) vocacionais, pois “é preciso que a Palavra divina seja apresentada também nas suas implicações vocacionais de modo a ajudar e orientar os jovens nas suas opções de vida, incluindo a consagração total. Autênticas vocações para a vida consagrada e para o sacerdócio encontram o seu terreno propício no contato fiel com a Palavra de Deus”<sup>9</sup>.

Que Nossa Senhora das Graças, São Vicente de Paulo e Santa Luísa de Marillac caminhem sempre conosco ajudando-nos a ser testemunhas da esperança.

*Pe. Vandeir Barbosa de Oliveira, cm*

---

<sup>9</sup> Papa Bento XVI, *Verbum Domini*, n. 104.

# FORMAÇÃO PERMANENTE

## A ESPIRITUALIDADE DA MISERICÓRDIA

*Fráter Albertus Pontianus Geroda, CMM  
Irmão da Congregação dos Fráteres de Nossa Senhora Mãe da Misericórdia  
(Momento de Espiritualidade apresentado no IX Interprovincial do SAVV)*

Estamos trabalhando muito para construir nossos projetos e comunidades. Mas qual é a nossa motivação? Por que este empenho para trazer mais humanização à sociedade? De onde vem este desejo para criar comunidades cordiais e fraternas? Por que este lugar de oração e meditação é importante em nossas vidas? Não é tão fácil para dizer em poucas frases quem são os fráteres e o que eles querem. Muitas vezes usamos a palavra 'Espiritualidade' quando falamos sobre nosso entusiasmo e inspiração... Mas as pessoas somente podem compreender nossa vida se perceberem quem está presente em nosso meio: Jesus. A maneira como Jesus viveu o amor de Deus nos tocou para sempre e nos transformou.

### JESUS, NOSSO IRMÃO MISERICORDIOSO

*Conhecer Jesus.* Nossa vida é inspirada por Jesus Cristo. Ele é nosso exemplo e nosso guia. Diariamente lemos a Bíblia para conhecê-lo e compreendê-lo melhor. Ele nos ensina como olhar para Deus, para as pessoas e para o mundo. Nele vemos o que o amor de Deus pode alcançar neste mundo e qual o verdadeiro sentido de misericórdia. Isto causa uma mudança permanente: pessoas cegas veem, paralíticos andam, ricos partilham suas posses com os pobres. Por isso vemos em Jesus o melhor exemplo de vida: suas palavras e ações são diretrizes para toda nossa vida.

*Fazer o que Jesus fez.* Queremos nos tornar pessoas de acordo com a vida e a mente de Jesus. Em nossa vida tentamos fazer o que ele fez: servir e aliviar, falar uma palavra que salva, oferecer uma mão que ajuda. É o próprio Jesus que nos ensina no Evangelho como tornar mais humano este mundo. Ele olhou profundamente para as pessoas, especialmente aqueles a quem ninguém costuma dar atenção: estrangeiros, presos, incapazes, doentes, pobres e crianças. Ele lhes deu uma atenção genuína, ficou comovido pela sorte deles e deu-lhes coragem.

*Ver Jesus no outro.* Queremos lembrar a afirmação de Jesus do Evangelho

segundo Mateus: “Na verdade eu vos digo: todas as vezes que vocês fizeram isso a um dos menores de meus irmãos, foi a mim que o fizeram” (Mt 25, 40). Estas palavras nos convidam a reconhecer Jesus naqueles em quem menos o esperamos. Isto mostra a maneira como queremos servir aos outros: como se fossem o próprio Jesus. Esta é a inspiração que nos dá coragem para fazer os vários trabalhos de misericórdia. Jesus, nosso primeiro irmão, diz mais alguma coisa. Ele está falando sobre o menor dos meus irmãos e irmãs. Jesus chama os homens de irmãos e irmãs. Nós também podemos nos chamar de seus irmãos e de suas irmãs. Vemos Jesus como nosso primeiro irmão, como o exemplo definitivo de irmão misericordioso. Ele nos liga aos outros em qualquer tempo e lugar. Assim nos sentimos em casa, em uma irmandade global. Isto dará uma dimensão mais profunda ao nosso chamado à fraternidade. Jesus nos chama para verdadeiramente sermos irmãos neste mundo. Pela nossa vida e trabalho queremos concretizar os ideais e o estilo de vida de Jesus. De fato, acreditamos que ele mesmo está presente no trabalho que fazemos e nas pessoas que encontramos.

## **A MISERICÓRDIA COMO MANEIRA DE VIVER**

A Misericórdia não é somente um objetivo de nosso trabalho, mas é, de fato, uma atitude de vida. Característico de uma vida de misericórdia são as três ações: Ver, Comover-se (sentir) e Mover-se (agir). Ver, Comover-se e Agir. Misericórdia não é somente algo para nos engajarmos. É um tipo de atitude de vida, que se manifesta numa sequência de atos: ver, comover-se e mover-se. Começa com ver: ver quem é o outro, na sua dignidade e unicidade, ter atenção para com o outro e se abrir. “Comover-se”: significa deixar-se tocar, deixar o outro entrar no coração. Isso é o segundo passo. O outro percebe isto quando finalmente entramos em ação e nos fazemos próximos dele.

*Colaboração.* Praticar misericórdia não é um ato qualquer de caridade; é o fruto de ser profundamente comovido, ser tocado num nível profundo do seu ser. Misericórdia possibilita vida e deixa surgir o bem na pessoa. Torna o relacionamento entre os homens cordial, hospitaleiro, respeitoso e solidário. Misericórdia pede também colaboração. Devemos nos comprometer com tudo o que temos e somos para realizar a misericórdia. E, por fim, descobriremos que isso não é suficiente. Precisamos dos outros para praticar a misericórdia estruturalmente e também para sermos reforçados em nossa atitude pessoal. Praticar Misericórdia é uma atitude de vida que precisa treino diário. Através de silêncio, reflexão, encontro,

conversa, cuidado, dar e receber, simplesmente fazendo alguma coisa. A atitude de misericórdia implica também em ser misericordioso consigo mesmo.

*Irmão misericordioso.* Não podemos falar de misericórdia sem nos referirmos a Jesus que nos mostrou como podemos ser misericordiosos e como colaborar para o reino de paz e justiça. Conhecida é sua história do Bom Samaritano, como ilustração das perguntas: Quem é nosso próximo? E até que ponto a pessoa deve se envolver? O evangelho de Mateus 25 oferece uma lista de atos misericordiosos, que, numa tradição antiga, foram especificados em 14 obras de misericórdia. Através dessas obras podemos ajudar as pessoas que perderam sua dignidade pessoal e humana. Dar de comer a quem tem fome, dar de beber a quem tem sede, cuidar dos doentes, vestir os nus, dar pousada aos estrangeiros, visitar os encarcerados, enterrar os mortos, dar bom conselho, instruir os menos esclarecidos, consolar os aflitos, corrigir os que erram, perdoar as injúrias, suportar pacientemente as fraquezas do próximo, rezar pelos vivos e falecidos.

O termo misericórdia se baseia em tradições bíblicas e eclesiais e tem por isso uma abrangência muito grande. Na misericórdia experimentamos em que consiste o amor de Deus e como nós mesmos podemos dar a isto um rosto, olhos, coração, mãos e pés. Uma conotação *soft*? Muita gente talvez tenha esquecido o que misericórdia significa. Para eles é somente uma destas palavras bíblicas antigas. Em nossa sociedade, misericórdia tem, às vezes, uma conotação suave: como se ela tratasse somente de ser *soft* e caritativo. Não é verdade. Misericórdia exige caráter firme e muita perseverança. Pede organização e compreensão inteligente. Às vezes, misericórdia significa ação firme. O lema do nosso fundador era: "*Mansuete et Fortiter*": Manso e firme. Misericórdia não tem nada de protetor, mas trata de igualdade e solidariedade.

*Movimento de Misericórdia.* Um ato de misericórdia pode ter grandes consequências. Quem já experimentou misericórdia lembra disso muitas vezes e por longos anos. Todos que receberam misericórdia podem entrar em ação e passar a misericórdia para os outros. Assim pode surgir uma corrente de misericórdia. Gente que ficou tocada e desta maneira consegue tocar outros com obras de misericórdia que, como bolas de neve, rolam pelo mundo inteiro e, que, por isso, ficou mais atencioso e humano. Como frâteres, queremos incrementar esta corrente; queremos apoiar e sustentar este movimento de misericórdia.

## FRATERNIDADE

*Irmãos e irmãs.* Podemos também ser irmãos ou irmãs para com pessoas desconhecidas e ser solidários com elas. A consciência de fraternidade ou sororidade se torna, então, mais ampla e profunda. Na palavra 'fraternidade' ressoa o desejo de sermos pessoas que querem se doar pelos outros. Queremos ser alguém atento aos outros, alguém capaz de compartilhar suas tristezas e suas alegrias. Gente que cuida dos outros e quer viver numa mesma casa. Gente que quer servir e apoiar os outros.

*Fraternidade universal.* Fraternidade vai além de uma comunidade afetuosa no próprio grupo. Podemos nos sentir irmãos ou irmãs de pessoas desconhecidas e sermos solidários com elas. A consciência de fraternidade se torna, assim, mais larga e mais abrangente, crescendo para uma fraternidade universal, mundial. '*Todos os homens se tornam irmãos*', como proclama um velho e conhecido canto. O ideal da fraternidade é desafiador e cheio de consequências. Ser irmãos e irmãs significa respeitar uns aos outros, entendendo que somos iguais. O ideal de fraternidade e sororidade implica também numa sociedade pacífica e honesta.

*Um velho ideal bíblico.* O ideal da fraternidade não tem somente seu lado político, mas também dimensões religiosas. Inspirados por antigas histórias bíblicas, acreditamos num mundo de justiça e na possibilidade de trabalhar na sua realização. Independentemente da violência ao nosso redor, podemos acreditar num mundo melhor. Seguimos, como religiosos, uma velha tradição: ver uns aos outros como irmãos e irmãs. Aquelas palavras foram usadas desde o início do Cristianismo como uma maneira de se dirigir ao outro. Jesus disse aos seus discípulos que buscassem viver o amor fraterno entre eles. Isso significa: aceitem ser unidos e tentem partilhar o que tiverem recebido. Sendo o mais velho, olhe para os jovens com amor, e, sendo o mais jovem, cuide com amor dos idosos. Seja consciente de que você faz parte de uma única e grande família e que somos filhos de um único Pai. Respondendo à questão sobre quem é verdadeiramente nosso irmão e nossa irmã, Jesus disse: todos os que vivem de acordo com a Palavra de Deus. Olhe cuidadosamente ao seu redor você e imediatamente você percebe para quem você pode ser um irmão ou uma irmã. E preste atenção especial às pessoas vulneráveis, àquelas que são esquecidas ou podem se perder: sim, esses são nossos irmãos e irmãs!

*Abertura e hospitalidade.* O ideal da fraternidade tem muito em comum com o ideal da misericórdia. Ser irmãos e irmãs diz respeito ao desejo de

construir, juntos, uma comunidade. Mas se refere também ao desejo de abrir esta comunidade e receber outros hospitaleiramente.

*Conflitos inevitáveis.* Fraternidade é um valor cristão importante, mas não significa que entre irmãos e irmãs, dentro de uma comunidade cristã, sempre reina a paz e a harmonia. Fraternidade não é fácil na vida diária. Nós não escolhemos nossos irmãos e irmãs; nós os recebemos e devemos aprender a viver com eles. As histórias bíblicas dão muitos exemplos de conflitos e inveja entre irmãos e irmãs, e também entre os discípulos de Jesus e os apóstolos na Igreja primitiva. Mas, ao mesmo tempo, soa a proclamação: procure dar a todo mundo aquele amor fraterno. Nos inevitáveis conflitos, sempre voltem à paz e à reconciliação.

*Abrir novo horizontes.* Sermos irmãos e irmãs é um ideal difícil, mas também alegre, que quebra barreiras. Isso vemos também em nossas comunidades internacionais. Em sua essência, isso é muito simples: uma espécie de solidariedade que é a nós concedida e que, em contrapartida, nós aplicamos para com os outros. É também um princípio radical, como está declarado na nossa Regra de Vida: Jesus Cristo veio para quebrar as barreiras que separam as pessoas umas das outras. Nós vivemos esta realidade num grupo de irmãos no qual as diferenças de origem, nacionalidade, preferências, caráter, trabalho e posição social não devem causar qualquer divisão. Assim vivendo, proclamamos que nos tornamos irmãos uns dos outros em Cristo. Fraternidade é um ideal que dá para ser trabalhado e aperfeiçoado. Tentamos praticar isso em nossas comunidades internacionais. Ela recebe também um lugar central em nosso projeto internacional para a juventude 'Embaixadores de uma Fraternidade Mundial'.

## **OPÇÃO PELA VIDA EM COMUNIDADE**

Nossa vida e trabalho começam na comunidade onde moramos. É lá que damos forma aos nossos ideais, e de lá saímos para cumprir nossa missão no mundo ao nosso redor. A Vida Comunitária é um dos aspectos essenciais do sermos irmãos/fráteres em nossa congregação. Normalmente vivemos em pequenos grupos, junto com outros fráteres e, em alguns casos, com um número muito pequeno de hóspedes.

*Revigorar-nos.* Nossa comunidade é o nosso lar; em nossos colegas de comunidade achamos nossos coirmãos, com os quais compartilhamos nossos problemas diários, nossas alegrias e tristezas. Encontramo-nos à

mesa, recebemos nossas visitas em conjunto, lemos juntos as Escrituras, e partilhamos as celebrações e orações. Completamos um ao outro em nossas comunidades, damos e recebemos apoio e também encorajamos e desafiamos um ao outro. Em casa podemos relaxar, recebemos cuidados e sabemos que somos amados. Escolher uma vida de irmão religioso significa também escolher uma vida em comunidade, junto com outros. Constantemente modelamos e redefinimos nossas vidas como cristãos. Nossa vida e trabalho começam na comunidade onde moramos.

*Vulnerável e precioso.* Viver em comunidade é um dos aspectos mais fortes da vida de um fráter, mas também dos mais vulneráveis. Como fráteres, podemos nos orgulhar das nossas belas comunidades e da nossa tradição preciosa de vida comunitária. Realmente tentamos partilhar as coisas mais importantes: não somente nossa casa e nossos bens, mas também aquilo nos inspira. Desta maneira, fazemos um esforço para tornar realidade as palavras da Bíblia: “e eles tinham tudo em comum”. Com certeza, isto nem sempre acontece, porque a vida comunitária continua sendo um desafio. Neste contexto, temos de encarar nossas próprias limitações, como todas as outras pessoas que, como família ou em outro contexto, vivem juntos debaixo de um mesmo teto. Concretizar uma vida comunitária religiosa não é simples; leva um bom tempo para aprender como fazê-lo.

*Tensões.* Muitas ordens religiosas e congregações estão tendo dificuldades atualmente para achar a melhor maneira para viver em comunidade. É um problema que foi percebido no mundo inteiro. Claramente, é difícil construir uma vida comunitária cristã em um contexto social que defende valores e normas bem diferentes. O mundo em que vivemos é caracterizado por uma forte individualização, talvez mais do que percebemos. Além disso, a vida comunitária sofre de uma cultura de excessiva dedicação ao trabalho e de intrusos do mundo da mídia.

*Um bom equilíbrio.* Fazemos um esforço para obter um equilíbrio entre trabalho, estudo e vida comunitária. Tentamos aproveitar das possibilidades dos novos meios de comunicação sem ficar ocupados demais por eles e, em geral, tentamos manter um estilo de vida que seja simples, credível e de acordo com os nossos votos religiosos. Sentimos que nossa vocação de Fráter nos obriga a testemunhar o ideal de uma vida comunitária diante de um mundo que é regido por outros valores. Queremos ser um sinal de esperança, fé e fraternidade. Também quando não conseguimos realizar

este ideal totalmente, queremos tentar, para, juntos com outros, dar forma a uma vida cristã, cada novo dia.

## VICENTE DE PAULO, O PAI DOS POBRES

Vicente de Paulo (1581-1660) é chamado também 'Pai dos pobres'. Ele trabalhava para que a Igreja estivesse presente em meio aos mais pobres: "*Nosso convento é o mundo*". Quando a nossa congregação foi fundada, São Vicente tornou-se seu padroeiro. Isso é mais do que meramente uma devoção. De fato, em nossa vida religiosa, nós seguimos o modelo vivido e proposto por ele. Vicente de Paulo zelava para que a Igreja estivesse presente no meio dos mais pobres. Ele pregava o Evangelho com suas ações, conforme marcado em Mt 25, 40: "*Todas as vezes que fizestes isso a um destes mais pequenos, que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes!*". Por isso, falamos de preferência sobre 'A maneira espiritual do agir de Vicente', em vez de 'Espiritualidade Vicentina'. Vicente não fez tudo sozinho, mas tinha o jeito de motivar as pessoas para junto com ele praticar a misericórdia. Por isso, a Igreja declarou Vicente como padroeiro de todas as organizações caritativas na tradição católica.

*Juntar ricos e pobres.* Vicente tinha uma visão ampla e olhava mais longe do que a maioria das pessoas. Ele nasceu em uma família de agricultores simples no sul da França e optou pelo sacerdócio. Como padre, ele tinha fácil acesso à nobreza e manteve contatos com a corte. Mas também se encontrava com alguns padres que trabalhavam nas áreas pobres da cidade. Quando ele foi nomeado pároco em Clichy, iniciou um apostolado entre os pobres. Típico para Vicente era sua familiaridade tanto com ricos quanto com os pobres, sendo capaz de criar laços entre estes grupos que eram estritamente separados na sociedade. Por exemplo, ele começou a organizar sistematicamente uma associação de senhoras abastadas, as *Dames de la Charité*, as Senhoras da Caridade, para assumir o cuidado para com os pobres e doentes na sua paróquia. Foi um modelo novo e deu certo: também em outras paróquias formaram-se círculos semelhantes. Vicente reuniu também uns poucos sacerdotes em torno de si e começou o que se tornou a Congregação da Missão: uma organização para o trabalho católico de desenvolvimento, na cidade, mas, particularmente, na pobre zona rural.

*Misericórdia organizada.* Devido a tantos trabalhos a fazer e à limitação das damas chiques, Vicente organizou também um grupo de Irmãs, que ele chamou *Filles de La Charité*, Filhas da Caridade. No fim de sua vida, Vicente

guiava centenas de pessoas – sacerdotes, leigos e religiosos(as) – que consagravam sua vida à caridade: nas escolas e abrigos para crianças, nas clínicas e nas casas mortuárias, nas prisões e hospitais de emergência em áreas de guerra.

*Vida religiosa pelo avesso.* Para viabilizar este tipo de consagração religiosa, Vicente devia renovar a vida religiosa e inventar uma outra forma diversa daquela até então existente nos mosteiros e conventos. No tempo de Vicente, a maioria das comunidades religiosas tinha um caráter mais fechado e eram fortemente voltadas para dentro. Isso dificultava o trabalho no meio dos pobres e necessitados. Vicente abriu a forma de vida religiosa: “*Nosso convento é o mundo*”, ele disse. A ordem do dia mudou em suas comunidades: tinham tempos curtos de oração e encontros diários para a comunidade inteira, mas, na maior parte do tempo, estes homens e mulheres trabalhavam fora da sua casa religiosa, por toda a parte onde precisavam deles(as). Uma memorável expressão era “*Deixar Deus em consideração de Sua Causa*”. Algumas vezes é necessário abandonar práticas religiosas fixas, para tornar válida a resposta ao chamado de Deus.

*No meio do mundo.* Depois da morte de Vicente, muitas ordens e congregações adotaram a forma da vida religiosa ativa que ele tinha introduzido. Assim também, a nossa congregação foi formada segundo o modelo vicentino: nossas casas são localizadas no meio do mundo, somos também religiosos ‘ativos’ e muito do nosso trabalho é sintonizado com o povo pobre que vive à margem da sociedade (a pobreza tem muitas formas). Assim, em nossa organização, nossa missão, nossa espiritualidade e em nossa visão eclesial, seguimos ainda os princípios introduzidos por São Vicente.

## **MARIA, MÃE DE MISERICÓRDIA**

O nome completo da nossa congregação é: Fráteres de Nossa Senhora Mãe de Misericórdia. O que ela significa para nós? Nossa Senhora, Mãe de Misericórdia. Bispo Zwijsen [o fundador] escolheu este nome para as duas congregações, porque o trabalho das Irmãs e dos Fráteres seria na área da misericórdia. Um dos antigos títulos de Maria era *Mater Misericordiae*, Mãe de Misericórdia. Para os trabalhos de Misericórdia, seria uma coisa boa que Maria mesma fosse a Protetora das congregações. Por isso, desde a fundação das primeiras comunidades das Irmãs e dos Fráteres até o dia

de hoje, Maria tem um importante lugar em nossa vida de fé. Ela é para nós uma pessoa de confiança a quem nos dirigimos cheios de esperança.

*Mãe de todos os Cristãos.* Maria era a mãe de Jesus e por isso ela é vista como mãe de todos os cristãos. Na história da fé cristã e da Igreja, ela tem uma posição única, perto de Deus e perto de todo o povo. Como Mãe de Jesus, Maria tinha um papel importante na transmissão da graça de Deus. cremos que ela, ainda hoje, por sua intercessão e proteção, continue nesse papel de intermediadora. O nome *Mãe de Misericórdia* expressa isso: um amor cuidadoso e envolvente que podemos considerar e experimentar como vindo de Deus mesmo.

*Amada por Deus.* Queremos acrescentar um dado bíblico. Lemos no Evangelho de Lucas o “Hino de agradecimento” de Maria, o *Magnificat*. Com palavras da tradição, Maria canta que Deus é misericordioso e cuida do homem pobre e pequeno. Segundo as histórias do Evangelho, Jesus estava rodeado por muitas pessoas necessitadas e simples. A tradição os chama também de “pequeno povo do Senhor” (*anawim*). A misericórdia e a justiça que Jesus anunciou eram especialmente para eles. Maria também pertencia aos *anawim*, uma mulher amável, comum e humilde de coração, uma “serva”, como o canto diz. Ela tinha um nome comum e, naquele tempo, muito usado, Miriam, que tem um significado muito bonito: ‘amada por Deus’. O título Mãe de Misericórdia não pode ser separado deste nome e desta tradição. Maria era uma mulher simples na qual Deus era palpável e ativo. Como uma das “pobres do Senhor”, experimentou e anunciou o milagre da Misericórdia de Deus.

Espelho. *Mãe de Misericórdia* é um nome com muitos significados. Para nós, expressa uma presença especial: de simplicidade, humanidade, emoção, disponibilidade e amor de Maria. Vemos Maria como um espelho do amor misericordioso de Deus e como um convite para nos abrimos a este amor.

## RESSIGNIFICAR A VIDA RELIGIOSA E CONSAGRADA EM UMA IGREJA SINODAL. TRAVESSIA SINODAL, EM IGREJA E PARA O REINO

*Ir. Gloria Liliana Franco Echeverri, odn  
Palestra proferida na Assembleia Geral Eletiva da  
Conferência dos Religiosos da Brasil (CRB)  
22/07/2022, Brasília.*

A Vida Religiosa do continente prepara-se para iniciar um novo triênio, inspirada nas “mulheres da aurora”, nas ousadias mais radicais, nas que mantêm a esperança agarrada à promessa, nas que caminham rompendo a noite e, em estado de missão, abrem buracos para que o Espírito possa entrar e fecundar tudo.

Aquelas que por amor permanecem agarradas ao seu Deus e, com elas, homens e mulheres consagrados no continente, somos convidados em espírito sinodal a cinco chaves fundamentais:

- **A arte de escutar.** Para aprender a nos escutarmos reciprocamente como Igreja, como comunidade, como famílias carismáticas, na diversidade de ministérios e carismas, buscar juntas/os a vontade de Deus e escutar os convites que o Espírito nos faz.

- **O olhar contemplativo da realidade.** Para criar novos espaços nos quais nos comprometamos a serviço dos povos, e, inspiradas/os pelo Espírito desde as profundezas da vida, recriar a centralidade do nosso seguimento de Jesus e um renovado compromisso místico-profético-comunitário com os mais pobres e excluídos.

- **O discernimento.** Para acolher a nova proposta de vida que Deus nos faz pessoal e comunitariamente, na urgência de desaprender as formas anti-evangélicas de ser Igreja e intuir os sinais de sua presença viva, nas “alvoradas de cada amanhecer” desta hora histórica.

- **A itinerância existencial e geográfica.** Para nos lançarmos pelos caminhos a céu aberto e prepararmo-nos para “arroupar o mistério da vida” com a cor das nossas flores que germinam nas parcelas marginais do Continente.

- **A saída missionária na intercongregacionalidade e interculturalidade.** Para entretecer novas redes com os fios da comunhão e da diversidade que

nos permite atravessar a noite e empreender com outros, o caminho de retorno, em plena luz do dia, à nossa “Galileia original”.

A partir daí, convido a nos situarmos nesta Assembleia da Vida Religiosa do Brasil. O espírito sinodal a que somos convocados tem, nesta Igreja e na Vida Religiosa brasileira, a sua própria face, a do pastor e do profeta, a do homem enraizado na terra, com o coração próximo dos pobres e uma vida centrada em Deus: Dom Claudio Hummes. Convido vocês para que, aqui e agora, façamos memória dele e de seu legado que nos coloca na condição de irmãos.

### **A Igreja: um envolver-se com Espírito**

Ao ritmo do Espírito configura-se o rosto da Igreja e o tecido relacional que possibilita a comunhão. No seu próprio ritmo, Deus caminha pela história. Ele acontece e a vida surge, depois que a criação do seu sopro é pintada em formas e cores, ao seu redor as pessoas são fecundadas, a comunidade de crentes se congrega. Sem Ele não há seguimento autêntico de Jesus, nem kairós eclesial. Sem o primado do Espírito Santo, a Igreja não pode ser compreendida, nem as instituições da vida consagrada, nem suas organizações. “O Espírito Santo, que é luz e vida, que é dom e amor, atravessa todas as meditações e as vivifica, as transforma, as enche de vigor e transparência evangélica. Ele é quem reaviva sua fé e os sustenta na insegurança”<sup>1</sup>.

O olhar consciente permite-nos reconhecer que a história é habitada pelo Espírito que, entre o claro-escuro, faz o seu caminho para revelar a essência de Deus, para contagiar a fortaleza, revestir de paz, lançar com ousadia e encorajar a profecia mais radical: sermos irmãos. A pneumatologia coloca os crentes diante da ação do Espírito, da sua manifestação.

A história da Igreja se constrói no claro-escuro do humano, naquele confronto permanente entre fragilidade e graça. A constatação mais certa é que caminhar na Sinodalidade supõe conversão; a imersão em diferentes contextos e culturas exige renovação de atitudes, adequação de formas, estruturas e estilos. O caminhar é tipicamente cristão e, como afirma Aquilino Bocos, “trata-se de um processo, de um caminhar no Espírito, seguido de luzes e sombras, evidenciando alguns aspectos que ajudam a ver as nuances ou completar a compreensão do itinerário de renovação”<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Aquilino Bocos Merino. *Un relato del Espíritu con porvenir* (Madrid: Claretianas, 2011), p. 154.

<sup>2</sup> *Ibid.*, 17.

É o Espírito que concede o dom da conversão e isso pressupõe discernimento, atenção à realidade, capacidade de escutar o clamor de Deus, nos gritos permanentes que ressoam na história. A experiência de reconhecer-se habitado pelo Espírito lança para além das próprias análises e reflexões. Supõe situar-se no contexto, deixar-se habitar pela realidade e reconhecer que Deus se manifesta e age nela. Essa certeza permeia a eclesiologia do Papa Francisco que, em sintonia com sua formação inaciana, dá primazia ao discernimento e expressa um claro tom pneumatológico em sua cristologia. Sem dúvida, na origem da Igreja está o Espírito e é Ele quem permite fluir e percorrer a história com relevância e novidade. Há um vínculo profundo entre o Espírito e a Igreja: “Sem o Espírito, a Igreja não teria vida e não poderia cumprir sua missão”<sup>3</sup>.

A ação do Espírito cria a Igreja. Ele é a origem, o protagonista da caminhada eclesial. Ele torna possível a comunidade. É o Espírito que possibilita a experiência de ser e sentir-se irmãos; é Ele que configura o rosto multicultural e nos lança a viver a comunhão. Quem incentiva no quotidiano a tecer o vínculo, o relacionamento, a amizade, o afeto no dia a dia e incentiva a amar a si próprio, a acreditar e cuidar de si mesmo. Ele fortalece e incentiva a utopia do fraterno, quando o barro quebradiço da humanidade está todo rachado.

O Espírito não tolera a uniformidade e, portanto, opera o milagre da diversidade em todos e em tudo. Línguas, sensibilidades, cores, dons... Todos diversos e todos chamados à unidade, todos plurais e necessitados de comunhão. É Ele que está gestando no interior da Igreja conversão, sonhos, desejos, horizontes apostólicos. Ele conduz à saída e dá a graça de não se acomodar, de não ficar paralisado pelo que não conhecemos ou não podemos planejar ou controlar. Seu impulso nos lança para além, para a geografia desconhecida, para a fronteira onde mora o mais pobre, o migrante, o mais doente.

### **Seja um**

A unidade é um atributo que configura a identidade, que preserva a essência, que garante a harmonia, que favorece a passagem da prova do tempo. Onde há unidade, se constata sintonia, comunhão nos valores e nos critérios. A unidade não exclui a diferença, mas exige justamente a

<sup>3</sup> Eloy Bueno de la Fuente. *Eclesiologia del Papa Francisco. Una Iglesia bautismal y sinodal* (Burgos: Fonte, 2018), p. 95.

diversidade, e tem como elemento inalienável a experiência dialógica que resulta do encontro, da comunicação e do vínculo. Exige relacionamento e o face a face da gratuidade. A unidade se constrói e nela há espaço para a vulnerabilidade, a fragilidade e o limite. Supõe o exercício permanente da reconciliação, do perdão e exige desinstalar-se, aprender. A unidade não é possível onde há arrogância, espirais estagnadas de poder e muito menos onde não há flexibilidade e abertura ao Espírito. A unidade é fruto da ação do Espírito e exige viver o que o Papa Francisco propôs em sua Carta por ocasião do Ano da Vida Consagrada: “a mística do encontro, a capacidade de escutar, de escutar as outras pessoas. A capacidade de buscar juntos o caminho, o método”<sup>4</sup>. Tudo, à imagem da Trindade, como modelo de qualquer relação autêntica que rompe com a homologação.

Na dimensão mais autêntica do encontro, as identidades pessoais não são eliminadas, cada um chega à cena da relação com o que é, com sua história e suas sensibilidades, permeado por uma realidade e moldado por uma soma de saberes e experiências vitais. A marca da própria identidade torna cada pessoa portadora de um dom, de um carisma e de um estilo próprio, todos únicos e diferentes. Assim coloca Joan Chittister: “cada pessoa vive para fazer algo que só ela pode fazer. Cada um de nós é chamado, em virtude do que amamos e fazemos bem, a dar ao mundo algo que leve o selo de nossa presença nele. Somos chamados a acrescentar algo à criação do universo”<sup>5</sup>. E isso, que acontece no âmbito da relação pessoal, encontra também um canal a ser consumado, na troca que surge no interior da diversidade que converge na vivência das diferentes vocações. Embora muitos coincidam no chamado ao mesmo estilo de vida, não existem modos únicos, nem estilos homogêneos para viver a vocação comum, porém, formas diferentes e certamente complementares.

### **A Trindade, paradigma da relação eclesial**

A Trindade é, sem dúvida, uma comunidade de cuidado, portanto, talvez não seja errado pensar que no início não era a criação, no início era a relação e dela surgiu a vida, a eclosão da vida e daí em diante o destino de tudo na face da terra é a inter-relação; tudo conectado para evidenciar a sacralidade de tudo o que foi criado. O Concílio Vaticano II assim o expressa: “Deus, que cuida de todos com solicitude paterna, quis que os homens constituam

<sup>4</sup> Vaticano, <https://www.vatican.va/content/francesco/es/apost-letters/papa-francesco>, 21 de noviembre de 2014.

<sup>5</sup> Joan Chittister. *Ser Mujer en la Iglesia: Memorias Espirituales* (Cantabria: Sal Terrae, 2006), 59.

uma única família e se tratem com espírito de irmãos. Todos foram criados à imagem e semelhança de Deus, que fez toda a linhagem humana de um só e povoou toda a face da terra (At 17,26), e todos são chamados a um único e idêntico fim, isto é, Deus mesmo”<sup>6</sup>.

A Trindade é comunidade de amor, diante da qual não há espaço para relações utilitárias, mediadas pelo medo, providas de interesses mesquinhos. Ela encarna em si um estilo relacional, circular, complementar e vital como se evidencia na imagem icônica pintada por Rublev<sup>7</sup>. No entanto, como expressa Eloy Bueno: “a Trindade não é apenas o mistério do qual brota todo amor verdadeiro (AL 63), mas também a base e fundamento da relacionalidade que caracteriza tudo o que existe, pois, toda criatura carrega em si uma estrutura e um dinamismo propriamente trinitários e está inserida numa teia de relações. A relacionalidade de todas as criaturas, a interconexão de tudo o que existe, a solidariedade global, brota do mistério da Trindade (LS 239- 240)<sup>8</sup>”.

Toda relação inspirada no estilo trinitário requer um novo olhar contemplativo, mais teologal e encarnado, mais capaz de reconhecer o Deus que acontece no território do humano e que convida à plenitude da relação. A Igreja e a Vida Religiosa nela estão hoje, mais do que nunca, comprometidas com um novo modo relacional mais contextualizado, encarnado na realidade, capaz de ouvir e fazer ecoar diferentes vozes e de se situar gerando o diálogo fé-cultura, fé-ciência e tecnologia... Será necessário reconhecer que, como salienta Bueno y Calvo: “Uma série de atitudes... vêm fechando a Igreja em seus próprios muros: tudo o que vinha de fora, em princípio, não era apenas suspeito, mas pernicioso e ruim. Difundiou-se um forte eclesiocentrismo que aspirava poder continuar sendo o centro organizador da vida das pessoas e das sociedades. A nível espiritual, queriam retomar carismas e modelos de outros tempos, o que levou à descontextualização vital da fé e à infra-valorização do secular... Indicações genéricas, mas que gradualmente criaram um clima de fuga do mundo e uma sacralização excessiva da própria Igreja nas suas estruturas

---

<sup>6</sup> Vatican, Constitución Pastoral, Gaudium et spes, sobre la Iglesia en el mundo actual, No. 24. [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_sp.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_sp.html).

<sup>7</sup> Andrei Rüblev crea en 1495 el ícono “ritmo trinitario”, inspirado en la hospitalidad de Abraham. Conservando la técnica y formas de la tradición bizantina, expresa la oración sacerdotal “para que todos sean uno...para que el Amor con el que me has amado esté en ellos” Jo 17, 21-23.

<sup>8</sup> Bueno de la Fuente, Ecclesiología del Papa Francisco, 84.

históricas. Consequência de tudo isso é que a Igreja estava perdendo significado diante de alguns homens e mulheres em certas sociedades que viviam de outras ideias e valores, não necessariamente contrários à fé<sup>9</sup>. Olhar para a Trindade como paradigma e expressão de qualquer relação autêntica será fundamental para libertar a Igreja de atitudes obsoletas, estagnadas e autorreferenciais.

### **A Igreja Povo de Deus, convocada à sinfonia da comunhão**

O rosto da Igreja é plural, uma população heterogênea, cheia de diversidade, mas o chamado que ressoou fortemente desde o início é: “que todos sejam um, como você, Pai, em mim e eu em você, que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste”<sup>10</sup>. Só na adesão a Deus e na consciência da fraternidade é possível a configuração do povo.

Com a expressão povo de Deus chega-se ao coração da fé israelita. Basicamente, pode-se dizer que toda fé israelita é baseada em dizer que *Yahweh* é o Deus de Israel e Israel é o povo de *Yahweh*. “Isso porque Deus, por pura graça, o chamou e posteriormente o tirou do Egito e depois fez uma aliança com ele no Sinai.”<sup>11</sup> O povo que na diversidade de carismas, ministérios e vocações adquire dignidade comum no batismo, é o mesmo que neste hoje da Igreja e da sociedade é chamado à comunhão. A categoria Povo de Deus tornou-se o símbolo da eclesiologia do Vaticano II. “Nela se sintetiza a virada copernicana operada pelo Concílio: o ser e a missão da Igreja não giram em torno da hierarquia, mas todas as funções e ministérios da Igreja giram em torno da tarefa que foi confiada ao Povo de Deus.”<sup>12</sup>

O percurso da *Lumen Gentium* permite mergulhar na identidade da Igreja como mistério de comunhão. A comunhão é um dom a ser acolhido, agradecido e desfrutado. “A vida comunitária, fraterna e apostólica, como conselho integral, é o máximo testemunho e apostolado em si mesmo. A pessoa é um ser em relação, que amadurece e se realiza no nós carismático. A caridade revigora os laços fraternos”<sup>13</sup> e leva à oferta da vida numa sinfonia

<sup>9</sup> Eloy Bueno y Calvo, *Una Iglesia Sinodal: Memoria y Profecía* (Madrid: BAC, 2000), 20-21.

<sup>10</sup> Jo 17, 21

<sup>11</sup> Ameríndia. *Perspectivas de Sinodalidad: Hacia una Iglesia con rostro amazónico* (Bogotá: Ameríndia, 2019), 13.

<sup>12</sup> Eloy Bueno y Roberto Calvo, *Una Iglesia Sinodal*, 47.

<sup>13</sup> Bocos Merino, *Un Relato del Espíritu*, 86

eclesial, que não está isenta de conflitos e crises, mas na qual é possível a construção coletiva, a expressão do diverso e a plenitude na vivência da vocação própria e particular de cada um. Todos conscientes da dignidade comum, do dom da própria vocação, do chamado à corresponsabilidade e da necessidade de permitir a plenitude de cada carisma no interior da Igreja. Isso a partir da certeza de que a missão do Povo de Deus, a tarefa evangelizadora da Igreja, atinge sua plenitude quando é assumida na perspectiva da comunhão, ancorada na experiência de que o Espírito cria fraternidade e envia. A comunhão continua sendo a evidência de uma eclesiologia renovada, na qual não há espaço para a homogeneização, nem para atitudes camaleônicas que nos fazem perder a essência e nos limitam para viver na verdade.

### **A Sinodalidade: um itinerário de conversão**

Todos os crentes são chamados a viver a plenitude da vocação que cada um recebeu na Igreja. Cada pessoa, desde a plenitude de sua identidade, é convidada a dar ao mundo e à Igreja, algo inédito, as diversas vocações são únicas e complementares. E todos, desde a verdade da própria vocação, estão chamados à única vocação eclesial que emana do evangelho: *segue-me*<sup>14</sup>. É um imperativo que desinstala, que põe em movimento e abre horizontes insuspeitos. É o deserto do Reino, que exige liberdade e assumir a existência desprovida de segurança e conforto. “Na Eucaristia celebrada em 9 de novembro de 2013 em Santa Marta, o Papa evocou a imagem da *Ecclesia Semper reformanda*. Lá ele disse que “a Igreja precisa sempre se renovar porque seus membros são pecadores e precisam de conversão”. Ele não se referia à reforma como um ato concreto de revisão ou atualização de certas estruturas obsoletas, mas como um processo constante e permanente de “conversão eclesial”, de “toda a Igreja inteira”<sup>15</sup>. Em todos os níveis e dimensões da Igreja, o espírito sinodal deve acontecer e deve ressoar esse apelo a uma reforma autêntica. Sem dúvida: “A sinodalidade faz parte da essência da Igreja, na medida em que participa da comunhão trinitária. Refutar o princípio da Sinodalidade é contrário à dimensão trinitária da Igreja”<sup>16</sup>.

<sup>14</sup> *Segue-me*: Mt. 8, 22; Mt. 9,9; Mt. 19,21; Mc. 2,14; Mc. 10,21; Lc. 5,27; Lc. 9, 59; Lc. 18,22; Jo.1,43; Jo. 21,19; Jo. 21,22.

<sup>15</sup> Rafael Luciani y María Teresa Compte, *En camino hacia una Iglesia sinodal*. De Pablo VI a Francisco (Madrid: PPC, 2020), 5.

<sup>16</sup> Pedro Carlos Cipollini. Sinodalidade Tarefa de Todos, (Sao Paulo: Paulus, 2021), 37.

A partir desta certeza é necessário reconhecer que, quando a Sinodalidade na Igreja fica suspensa, o dinamismo transformador que deveria caracterizar o Povo de Deus fica paralisado. A Igreja é uma totalidade dinâmica capaz de integrar a diversidade e de responder sempre com novidade ao querer de Deus: "... como o recorda a introdução da *Lumen Gentium*, a igreja é ao mesmo tempo Povo de Deus Pai, Corpo de Cristo e Templo do Espírito Santo (LG4). Sendo Corpo de Cristo, inclui uma grande diversidade de membros que colaboram na unidade, como assinala São Paulo. O povo de Deus é justamente chamado *ekklesia*, isto é, assembleia. Ser templo do Espírito Santo significa que todos os dons do Espírito, em sua diversidade, se encontram no conjunto do povo de Deus, o que leva a uma atitude de escuta recíproca e de corresponsabilidade"<sup>17</sup>. Assumir esta dimensão trinitária da Igreja implica um dinamismo de graça e conversão que lança o desafio de ser em comunidade, de ser com outros, de gerar dinâmicas autênticas de escuta, participação, comunhão, missão partilhada e corresponsabilidade.

Os consagrados, conscientes de sua pertença à Igreja, sabem que possuem um dom reconhecido há séculos, e expresso como a capacidade de viver com identidade mística, profética e missionária, os valores fundamentais do Evangelho. É o que aponta García Paredes, referindo-se ao número 33 da VC: "A vida consagrada ajuda o povo de Deus a manter viva a consciência dos valores fundamentais do Evangelho. Mas ela recebe também o testemunho das outras vocações, que a ajudam a viver plenamente a adesão ao mistério de Cristo e da Igreja em suas múltiplas dimensões"<sup>18</sup>.

O encontro supõe conversão, sair de si mesmo e ir além das próprias visões. Os processos de reforma autênticos se desenvolvem colocando-se em relação com o outro e graças a uma conversão das atitudes, que supõe ordenar o coração. Um autêntico reconhecimento da alteridade é necessário ao caminhar na sinodalidade. É claro que: "Numa Igreja sinodal não somos apenas convidados a caminhar juntos, mas sobretudo a aprender a reunir-se, trabalhar e discernir juntos. Este é o desafio da sinodalidade que leva toda a comunidade eclesial a buscar novas formas de interagir, integrar-se e tomar decisões por consenso, em conjunto. A relação entre reforma, conversão pastoral e sinodalidade abre a porta para discernir o rosto da Igreja neste novo milênio"<sup>19</sup>.

<sup>17</sup> Hervé Legrand y Michel Camdessus. *Una Chiesa Trasformata dal Popolo*. (Milano: San Paolo, 2021), 95.

<sup>18</sup> José Cristo Rey García Paredes, *Por Amor a la Belleza Divina. Una Relectura Actual de Vita Consecrata*.

<sup>19</sup> Luciani y Compte. *En camino hacia una Iglesia sinodal*. 18.

Nesta conjuntura eclesial, pouco antes do Sínodo sobre a sinodalidade, a Igreja enfrenta um processo, um itinerário de encontro e conversão, enquadrado naquela necessária reforma que o Papa Francisco pediu e que exige colocar-se no lugar da humildade; reconhecer o pecado, aquelas atitudes e modos relacionais que estiveram longe da vontade de Deus, porque são verticais e abusivos, pouco inclusivos e desprovidos de misericórdia. Será preciso um empenho de todos para superar essas atitudes individualistas, tingidas de narcisismo e suficiência que tantas vezes permeiam a cultura da Igreja e seus modos relacionais.

Nesta hora da Igreja, experimenta-se uma urgência: aguçar o olhar para contemplar a realidade e aguçar o ouvido para escutar o Espírito que não para de gemer nos clamores e complexidades da história, nos rostos e feridas dos mais pobres. É uma urgência sair, desacomodar-se, abandonar o estado de conforto e paralisia em que tantos crentes estão entrincheirados. Agora mesmo, neste momento crucial para a Igreja, nesta mudança de época, em que a Igreja vê seu futuro em jogo, ela deve se abrir para "um novo capítulo de sua biografia, ela deve abrir o dinamismo conciliar, o método sinodal"<sup>20</sup>. A necessária conversão à qual a Igreja é chamada supõe dar protagonismo ao Espírito, viver desde a centralidade em Jesus e na escuta atenta à realidade. Uma conversão pastoral é urgente. Será necessário: "repensar e projetar uma pastoral, em chave missionária em uma Igreja que passa do paradigma da cura da alma, ao paradigma da evangelização e da missão. Esta é a transição de uma Igreja de serviços a uma Igreja ao serviço do mundo e das necessidades concretas de cada homem e mulher"<sup>21</sup>.

O caminho sinodal supõe a conversão. Cabe à Igreja ser aquela narrativa credível daquilo que a sociedade espera ler nela. E isso acontece gerando aquela necessária dinâmica de relacionamento, encontro em complementaridade e reciprocidade. Trata-se de tornar possível o nós eclesial, de transcender as singularidades, para viver no dom da pluralidade. É lá que acontece o sentido de Igreja, o *sensus Ecclesiae*. E essa conversão, que exige transcender os individualismos, deve ser assumida por todos, porque todas as vocações podem cair na tentação da suficiência que limita, para sair de si e se dispor, na condição de discípulo, ao encontro.

<sup>20</sup>Bueno y Calvo, *Una Iglesia Sinodal*, 44.

<sup>21</sup>Leal, *O Caminho Sinodal com o Papa Francisco*, 87.

A Vida Consagrada está inserida nesta peregrinação sinodal convencida da necessidade de reforma, habitada pela convicção de que é Igreja batismal, mística, missão e profecia. Seu compromisso hoje é reescrever esses três relatos essenciais de sua identidade e missão. Começar a andar com outros neste hoje da Igreja, levará a construir juntos na vivência de uma autêntica espiritualidade e conscientes da identidade de sujeitos eclesiais. Pelo batismo e pelo sacerdócio comum, todos têm a mesma dignidade e estão chamados a contribuir na configuração de uma Igreja mais sinodal, na qual será de maneira especial, necessária e significativa a presença e a missão das mulheres, dos leigos, dos pobres e de todos os sujeitos emergentes excluídos historicamente.

Trata-se de entrar em uma dinâmica de conversão, um processo de escuta, reflexão e discernimento que tem como objetivo: "voltar à Igreja cada dia mais fiel, disponível, ágil e transparente para anunciar a alegria do Evangelho. Os desafios existem para serem superados. Devemos ser realistas, mas sem perder a alegria, a audácia e a entrega esperançosa. Não nos deixemos roubar a esperança missionária"<sup>22</sup>. A Igreja, consciente da sua identidade de discípula missionária, é convidada a um transbordamento místico que a conduza a peregrinar ao interior sem descanso, e ao exterior sem desculpa. Que a mobilize, que a lance, que a coloque a caminho.

E quero lhes propor dez caminhos para viver a sinodalidade na Vida Religiosa e Consagrada, a partir da experiência de PERMANECER no amor de Jesus e na paixão por seu Reino:

**Caminho 1: A sinfonia sinodal surge quando no brilho do plural, cada um, e ao ritmo do Espírito, contribui com o seu dom.** Isso leva a priorizar o discernimento, como cenário do Espírito, colocando-se em atenção aos movimentos que Ele suscita e para isso será necessário buscar no querer de Deus, os registros que atualizem o compromisso e o tornem pertinente e significativo. Cada um, a partir da própria vocação, com consciência do dom recebido e ponderando o que significa a sua identidade carismática na construção do tecido eclesial. Como resultado do que este caminho suscita, surge o chamado ao compromisso corresponsável na evangelização e no desenvolvimento humano integral e, nesse sentido, "na experiência da corresponsabilidade de homens e mulheres nos processos de construção

<sup>22</sup> Raúl Berzosa Martínez, *Inteligencia Pastoral en clave de Sinodalidad*. (Barcelona: CPL, 2020), 46.

do 'Nós eclesial' não podemos evitar a questão das possíveis formas de participação das mulheres na guarda da apostolicidade do anúncio feito pela Igreja, ao serviço da promoção e garantia da unidade eclesial, na palavra pública do anúncio evangélico..."<sup>23</sup>.

É necessário que as pessoas consagradas, conscientes da riqueza da sua vocação, participem ativamente nos cenários locais, regionais e universais nos quais se discerne o que o Espírito espera da Igreja.

**Caminho 2: Com o coração centrado em Deus, seja a presença sapiencial que humaniza.** O que centraliza e unifica a vida dos crentes é a relação pessoal com Deus. Este hoje da Igreja, na consciência de que o Reino é o horizonte do sentido, deve insistir na importância de optar pela interioridade como fundamento que repovoa as razões de existir. Hoje, mais do que nunca, não será possível permanecer nas formas e nas aparências, é importante ir ao fundo, às profundezas, colocar-se em modo de transcendência e, a partir do olhar contemplativo, com a consciência de que a superfície não permite aprofundar o que é radicalmente vital e significativo. O chamado é para situar-se diante da realidade, à maneira de Jesus, e isso supõe conhecimento interno de sua Pessoa, a capacidade de fazer ressoar a Palavra de Deus na vida cotidiana e a disposição de se configurar com Jesus no desejo de tornar seu o projeto de Jesus. E reconhecer que a vida é consequência da fé que se tem e faz de cada um o sujeito que é.

Nesse sentido, é necessário continuar impulsionando possibilidades reais para que os consagrados tenham acesso a espaços de formação e aprofundamento que lhes permitam mergulhar em sua fé, na hermenêutica a partir da qual se situam e interpretam a realidade e se desdobram, a partir de chaves femininas, a riqueza da espiritualidade que possuem e que urge transmitir a partir de linguagens, gestos e atitudes que humanizam e localizam, a partir da cultura do cuidado, em que o outro é reconhecido em sua dignidade, valorizado em sua diversidade e empoderado de modos relacionais que humanizam.

**Caminho 3: Estar em autenticidade, estar com outros e permitir que a graça flua livremente.** O espírito sinodal coloca o desafio de fazer que a comunhão seja um modo natural de estabelecer relações. Trata-se de

<sup>23</sup> Serena Noceti *et al*, *Diáconas. Un ministerio de la mujer en la Iglesia* (Espanha: Sal Terrae, 2017), 23

purificar as relações e colocar-se a partir da horizontalidade em que todos cabem e a voz de todos ressoa para abrir caminhos e possibilidades. Isso desafia a fortalecer práticas criativas de encontro, a optar pela comunidade, como um tecido vital que se articula e a partir do qual urge gerar vínculos de hospitalidade e ternura.

Na necessidade de colocar-se a partir da verdade, na construção do tecido eclesial de que o mundo necessita, a missão do consagrado será a escuta ativa, a voz profética, a presença na construção de redes interinstitucionais, redes intercongregacionais, e a proatividade para fazer pactos comunitários e sociais realistas, contextualizados e inclusivos, nos quais as diferenças sejam respeitadas, que se assumam as diferentes culturas, visões de mundo e estilos de vida sejam assumidas e a possibilidade de viver em autenticidade flua na mística do encontro.

**Caminho 4: Alargar o coração da Igreja, até que haja lugar para todos.** Uma Igreja de acolhimento, com rosto samaritano, é convidada a optar pela amável proximidade, abrigo ético que dignifica, pelo acompanhamento da consciência de ser convocado ao encontro com a realidade, com o outro, com o plenamente Outro, e isso supõe receptividade, hospitalidade. Compreender desde o mais profundo, que este é um tempo privilegiado para o encontro, em que as decisões éticas responsáveis e respeitadas da dignidade humana brotem da necessária cultura do cuidado em que se privilegia a relação, da certeza da sacralidade de toda a criação.

E neste sentido, em termos de Sinodalidade, será necessário renovar a opção pela Casa Comum, como o lugar de manifestação de Deus: a terra, as culturas e os mais pobres clamam. O cuidado da Casa comum não dá trégua, esta é uma opção em que não cabem desculpas. Cabe a todos nós nos comprometermos com essa tarefa, a partir da consciência da interrelação e da sacralidade do que foi criado. O rosto da humanidade está cada vez mais configurado com nuances universais. Vivemos em uma casa comum e compartilhamos a mesma preocupação: a forma como se constrói o futuro do planeta. Uma Igreja ao ritmo do espírito sinodal deve crescer na sua capacidade de acolhida, expandir-se para que ninguém seja excluído.

**Caminho 5: Que ressoe a Sinodalidade, Palavra que dá sentido e abre horizontes de renovação e compromisso.** A Palavra de Deus é alimento indispensável em todos os processos sinodais. Fazer uma leitura da fé, uma leitura encarnada e libertadora da realidade, iluminando cada



acontecimento, a totalidade dos processos e a gratuidade de cada encontro com a Palavra é um imperativo. Todos convocados a convergir na linguagem comum que irmana e configura: a Palavra com letra maiúscula, aquela que se fez carne vivida entre os seres humanos. O desafio será permitir que essa Palavra, essa Boa Nova, ressoe com a capacidade que tem de curar, libertar, dignificar, elevar, que, ao seu redor, se atualize e celebre a comunhão.

Também será preciso permitir acontecer na simplicidade, na verdade e na liberdade, a palavra, o antídoto da narração humana para a cura; a palavra como expressão da vivência, terapia que cura, que reconcilia, que restitui sentido. Permitir que se narre a história, que o relato dê conta da posição, do sentimento e dos critérios de todos, a partir da profunda convicção de que “corresponsabilidade e sinodalidade seriam como as duas facetas da vida eclesial. Isso implica que escutemos a todos para discernir o que o Espírito diz às Igrejas”<sup>24</sup>. Pronunciar aquilo que, como fruto do encontro com Deus, ressoa com a capacidade de fecundar e abrir caminhos de novidade e futuro.

**Caminho 6: A partir do lugar de presença e compromisso, é possível contribuir para a transformação.** A presença é o lugar da graça. O ser é a condição para a epifania, para a contemplação da manifestação de Deus. A presença afetiva e efetiva faz com que pessoas e lugares se tornem sagrados, em cenários teológicos. A graça habita bem ali no lugar da presença. Os novos caminhos para a Igreja supõem assumir o espírito kenótico de Deus, que em Jesus Cristo assume a humanidade, para conduzir toda a criação à plenitude da vida, em comunhão com Deus Pai, Filho e Espírito Santo. A kenosis é a raiz de todo processo de inculturação da fé e isso significa partir de uma abertura fundamental que permita acolher a realidade em toda a sua diversidade e complexidade, sem querer impor nada. Entrar nos territórios, acolher as culturas, inculturar-se deve ser o caminho pelo qual a Igreja se disponha para o diálogo.

Aqui está ancorada a necessidade de trabalhar por uma Igreja mais discípula para ser mestra, mais irmã do que mãe. Isso significa sair das parcelas da comodidade e localizar-se de forma inculturada escutando, mediando, gerando valor e trazendo para a mesa de reflexões e construção coletiva a voz e as culturas daqueles com quem faz seu caminho. Uma Igreja em saída, que não se fecha em modos de proceder ou estruturas caducas,

<sup>24</sup> Borras, *Communion ecclésiale et synodalité*, 144.

tem consciência da ação do Espírito e se coloca com ousadia e lucidez, em estado de renovação e conversão.

**Caminho 7: Construir o Reino na Igreja requer inserir-se nas profundezas da terra, fazer morada entre os mais pobres.** A opção por Jesus tem consequências e pressupõe a construção do Reino, reconhecendo a misericórdia como dinamizadora do compromisso solidário. A saída missionária é o caminho para viver a plenitude da vocação à Vida Consagrada. Localizar-se diante da realidade com compaixão, deixar-se perturbar pela realidade, reorganizar estruturas, projetos comunitários e opções baseadas nos ecos da realidade, esse é o caminho. Entre os pobres, nas fronteiras, no sertão, pelos territórios da migração e do tráfico, onde crianças e jovens têm seus direitos violados e as mulheres negadas as possibilidades de participação... Aí, o Espírito clama com dores de parto<sup>25</sup>, urge a presença de pessoas consagradas apaixonadas pela vida, dispostas a dar tudo, generosas e conseqüentes com o Sim.

Da teoria é impossível fecundar qualquer coisa. A experiência, as marcas deixadas no percurso da caminhada pelas estradas, constitui um insumo indispensável para o encontro, para que as Assembleias Sinodais e os espaços em que se discerne o futuro da Igreja sejam povoados com a seiva que brota da vida em missão.

**Caminho 8: A escuta é o sussurro que traz a conversão: Sem escutar, não é possível uma Igreja no estilo de Jesus.** “Escutar implica, portanto, uma transformação existencial, uma conversão, um descentramento de si. Assim concebido, o ato de escuta encontra sua plena realização na dinâmica do diálogo, lugar teológico por excelência, forma típica de nossa fé batismal, modo pelo qual o Deus de Jesus Cristo se revela comunicando-nos algo de sua natureza comunitária.”<sup>26</sup> A escuta constitui uma atitude vital, porque coloca um no lugar do outro, ali onde ressoa a palavra e se tornam nítidas as necessidades reais. Escutar, livra do protagonismo, da ação midiática, populista e messiânica, da suficiência de quem acredita ter as respostas. A escuta abre o caminho para a transformação do coração.

Nesta linha pastoral, a conversação e o acompanhamento espiritual ganham valor nas dinâmicas do discernimento, essencial se se quer gerar processos nos quais se compartilhem movimentos, sentimentos, esperanças e o que o Espírito sussurra como sopro capaz de renovar.

<sup>25</sup> Rom. 8, 22.

<sup>26</sup> Barnérias, Forestier, Morel, *Petit manuel de Synodalité*, 11.

**Caminho 9: Não se trata de consenso, o desafio é o encontro.** A mística do encontro requer a informação, a participação, o diálogo, a corresponsabilidade, que se fortaleçam as redes para se sustentar e se acompanhar na vivência do comum. O objetivo dos processos sinodais não é alcançar consensos, não é uma democracia; o que se pretende é abrir-se ao Espírito, permitindo que a voz de todos ressoe e convirja para o que é realmente importante: encontrarmos juntos a vontade de Deus e nos tornarmos aliados na defesa da vida, da terra, das causas do Reino. Há necessidade de situar-se verdadeiramente frente aos processos e construir, em meio das contradições e até mesmo em meio a tensões específicas, o que exige aprender a administrar os conflitos, sem perder a esperança e sem cair no ceticismo que paralisa.

Para participar de processos com essas características é necessário uma formação nas áreas de teologia bíblica, teologia sistemática, direito canônico e outras áreas que lhes permitam se posicionar como interlocutores competentes no local de encontro.

**Caminho 10: A jornada sinodal requer tempo, processos e paciência.** Os processos são a possibilidade de desdobrar o potencial da vida. Ações isoladas e não vinculadas a redes e processos, muitas vezes acabam sendo estéreis. Por isso, é necessário que nas dinâmicas sinodais se gerem processos que possibilitem a continuidade das ações. Processos interrelacionados e interdisciplinares, que partam da realidade, abrangam a vida e deem protagonismo às pessoas com quem caminham. Na lógica do processo, a paciência fecunda e purifica tudo: "A mudança já está em andamento, mas os passos delicados que devemos dar em direção a um cenário sem precedentes requerem discernimento dos sinais dos tempos, prudência e paciência, e também uma coragem perspicaz."<sup>27</sup>

Estamos cientes da necessidade de reforma na Igreja e sabemos por experiência que isso requer paciência, porque muitas vezes o ritmo das transformações não corresponde às expectativas que existem.

Convido-vos que peçamos a Deus a graça de abrir novos caminhos e de PERMANECER ancorados no amor. Que possamos, como as mulheres da aurora, atravessar a noite e, revestidas de esperança, sejamos testemunhas decididas da vida.

<sup>27</sup> Serena Noceti *et al*, *Diáconas. Un ministerio de la mujer en la Iglesia* (Espanña: Sal Terrae, 2017), 25.

## A IGREJA

### DESPERTEM O MUNDO!

No dia 29 de novembro de 2013, o Papa Francisco teve um encontro de três horas, no Vaticano, com 120 superiores religiosos de todo mundo. O diálogo do Papa foi reproduzido por Antonio Spadaro, jesuíta, e publicado pela revista La Civiltà Cattolica, 03/01/2014, nas versões italiana, inglesa e espanhola.

Fonte: IHU Disponível em:

<https://26age.crbnacional.org.br/2022/03/22/despertem-o-mundo-integrado-dialogo-do-papa-francisco-sobre-a-vida-religiosa/> Acesso em 08 ago 2022.



Quando o Papa Francisco fala de improviso e dialoga, seu discurso tem um ritmo que ondula progressivamente; deve-se estar atento para compreendê-lo com cuidado, porque ele se nutre da relação viva com seus interlocutores. Aqueles que o escutam falar devem prestar cuidadosa atenção não só no conteúdo do que diz como também na dinâmica da relação estabelecida. É isso o que aconteceu durante o diálogo do Santo Padre com a União dos Superiores Gerais no final de sua 82ª Assembleia Geral. Sentado entre eles, tomei notas do diálogo. Tanto quanto possível, aqui tentarei expressar a riqueza dos conteúdos, mantendo o tom vívido e espontâneo do encontro, que durou três horas. Por volta da metade do encontro, por aproximadamente meia hora, o pontífice andou entre os

participantes para cumprimentar pessoalmente os Superiores Gerais, tomando um mate num clima tranquilo e informal.

Na verdade, os Superiores haviam pedido apenas um breve encontro para saudar o Papa, porém este quis passar a manhã toda junto em diálogo. No entanto, decidi não fazer um discurso nem ouvir os discursos preparados: desejei ter um diálogo franco e livre consistindo de perguntas e respostas.

### **Religiosos: pecadores e profetas**

Recebido com aplausos, o Santo Padre toma acento às 09h30min exatamente, olha para o relógio e congratula-se por sua “pontualidade suíça”. Todos dão risadas: o Papa saudou o Pe. Mauro Jöhre, já que ele é suíço e o Ministro Geral da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, tendo recentemente sido eleito vice-presidente da União dos Superiores Gerais.

Após algumas breves palavras de cumprimento do presidente, o Pe. Adolfo Nicolás (Superior Geral dos Jesuítas), e do secretário geral, Pe. David Glenday, comboniano, o Papa Francisco, de forma muito simples, agradeceu cordialmente a Assembleia pelo convite e ouviu, em seguida, a primeira rodada de perguntas. Os religiosos lhe perguntaram especialmente a respeito da identidade e da missão dos religiosos: “O que espera da vida consagrada? O que pede de nós? Se estivesse em nosso lugar, o que faria para responder ao chamado de ir às periferias, de viver o Evangelho *sine glossa*, a profecia evangélica? O que se sentiria chamado a fazer?” E mais: “O que se deveria enfatizar hoje? Quais são as prioridades?”

O Papa Francisco começou dizendo que ele é um religioso também e que, portanto, sabe da experiência sobre a qual estavam falando. O último Papa que pertenceu a uma ordem religiosa foi o camaldulense Papa Gregório XVI, eleito em 1831. Ele, então, fez referência explícita a Bento XVI: “Disse que a Igreja cresce através do testemunho, não do proselitismo. O testemunho que pode, realmente, atrair é aquele associado a atitudes não habituais: generosidade, desapego, sacrifício, esquecimento de si próprio no intuito de ajudar os outros. Eis o testemunho, o ‘martírio’, da vida religiosa. Para as pessoas isso ‘soa como um alerta’. Os religiosos falam às pessoas com sua vida: ‘O que está acontecendo?’ Estas pessoas estão me dizendo alguma coisa! Elas vão além de um horizonte mundano. ‘Portanto – continuou o Papa citando Bento XVI – a vida religiosa deve promover um crescimento na Igreja via atração.”

Dessa forma, a “Igreja deve ser atraente. Despertem o mundo! Sejam testemunhas de uma forma diferente de fazer as coisas, de agir, de viver! É possível viver neste mundo de forma diferente. Estamos falando de uma perspectiva escatológica, dos valores do Reino aqui encarnados sobre esta terra. Trata-se de deixar todas as coisas para seguir ao Senhor. Não, não quero dizer ‘radical’. A radicalidade evangélica não é apenas para os religiosos: ela é exigida de todos. Porém, os religiosos seguem o Senhor de forma especial, seguem-no profeticamente. É este testemunho que espero de vocês. Os religiosos e as religiosas deveriam ser pessoas capazes de despertar o mundo”.

O Papa Francisco reitera conceitos que já havia citado, explorando-os mais aprofundadamente. Com efeito, continuou: “Deverão ser testemunhas reais de um modo diferente de ser e agir. Mas, na vida, é difícil as coisas sempre serem claras... A vida é complicada, consistindo de graça e pecado. Aquele que não peca não é humano. Todos cometemos erros e precisamos reconhecer nossas fraquezas. Um religioso que se reconhece como fraco e pecador não nega o testemunho ao qual é chamado a dar; pelo contrário, ele o reforça, e isso é bom para todos. O que espero de vocês é, pois, dar testemunho. Quero este testemunho especial por parte dos religiosos”.

### **Evitar o fundamentalismo e iluminar o futuro**

Prosseguindo com sua resposta às primeiras perguntas, o Papa Francisco tocou num dos pontos centrais de seu pensamento: “Estou convencido de uma coisa: as grandes mudanças na história ocorreram quando a realidade não era vista a partir do centro, mas sim da periferia. Trata-se de uma questão hermenêutica: entende-se a realidade apenas se ela for olhada da periferia, e não quando nosso ponto de vista está equidistante de tudo. Para verdadeiramente entendermos a realidade, precisamos nos distanciar da posição central de calma e de paz, e nos dirigirmos às áreas periféricas. Estar aí ajuda-nos a ver e a entender melhor; ajuda-nos a analisar a realidade de forma mais correta, evitando o centralismo e abordagens ideológicas”.

Portanto, “não é uma estratégia boa estar no centro de uma esfera. Para entender, precisamos nos mover ao redor, e assim poder ver a realidade de vários pontos de vista. Temos que nos acostumar a pensar. Frequentemente, faço referência a uma carta do Padre Pedro Arrupe, que foi Superior Geral da Companhia de Jesus. Trata-se de uma carta enviada aos Centros de

Investigación y Acción Social (CIAS). Nela, o Padre Arrupe falava da pobreza e dizia que algumas horas de contato com os pobres são necessárias. E isto é muito importante para mim: é necessário conhecer a realidade via experiência, passar certo tempo caminhando pela periferia buscando se familiarizar com ela e com as experiências de vida das pessoas. Se acaso isso não ocorrer, então corremos o risco de sermos ideólogos abstratos ou fundamentalistas, o que não é saudável”.

Em seguida, o Papa se deteve sobre uma questão concreta, a do apostolado dos jovens. “Aqueles que trabalham com os jovens não podem se contentar em dizer simplesmente coisas engessadas e estruturadas, como num tratado; estas coisas entram por um ouvido e saem pelo outro. Precisamos de uma nova linguagem, de uma nova maneira de dizer as coisas. Hoje Deus nos pede isto: deixar o ninho em que nos encerramos para sermos enviados. Aquele que vive sua consagração em clausura vivencia essa tensão interior em oração, de forma que o Evangelho possa crescer. O cumprimento do mandamento evangélico “ide por todo mundo e pregai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16, 15) pode se realizar com esta chave hermenêutica traduzida para as periferias existenciais e geográficas. É a forma mais concreta de se imitar a Jesus, que costumava ir a todas as regiões periféricas. Jesus foi a todas elas, visitou cada uma delas. Eu não me sentiria desconfortável indo para a periferia: não tenham medo de se dirigir a quem quer seja”.

Então, qual é a prioridade da vida consagrada? O Papa responde: “A profecia do Reino, que não é negociável. A ênfase deverá cair sobre os profetas, e não em brincar de sê-los. Naturalmente, o demônio nos apresenta suas tentações, e uma delas é: apenas parecer sermos profetas. Porém, não se pode brincar com estas coisas. Eu mesmo tenho visto coisas tristes a esse respeito. Não, os religiosos e as religiosas são homens e mulheres que iluminam o futuro”.

Em sua entrevista à *Civiltà Cattolica*, o Papa Francisco afirmou claramente que os religiosos são chamados a uma vida profética. Eis o que lhes é particular: “ser profetas, particularmente, ao demonstrar como Jesus viveu na terra, e proclamar como o Reino de Deus será em sua perfeição. Um religioso jamais deverá renunciar à sua profecia. [...] Pensemos sobre o que fizeram muitos dos grandes santos, monges, religiosos e religiosas, de Santo Antônio Abade em diante. Às vezes, ser profeta envolve fazer “ruído”,

não sei exatamente como dizer. Profecia faz ruído, “barulho”, algumas dizem: faz “bagunça”. Mas, na realidade, o carisma dos religiosos é como o fermento: a profecia anuncia o espírito do Evangelho”.

Então, como sermos profetas vivendo o próprio carisma religioso particular? Para o Papa Francisco, precisamos “reforçar o que é institucional na vida consagrada, e não confundir o Instituto com a obra apostólica. O primeiro permanece; a segundo passa”. E continua: “O carisma continua, é forte; a obra passa. Às vezes se confundem o Instituto e a obra. O Instituto é criativo, busca sempre novos caminhos. Nesse sentido, as periferias mudam também, podendo ser feita uma lista sempre diferente”.

### **O carisma não é uma garrafa de água destilada.**

Neste momento as perguntas se centraram em temas vocacionais. Estamos testemunhando uma mudança profunda na geografia humana da Igreja, e o mesmo ocorre com os Institutos religiosos. Na África e na Ásia, as vocações crescem em número, e juntas contabilizam a maior parte da soma total. Tudo isso estabelece uma série de desafios: inculturação do carisma, discernimento vocacional e seleção de candidatos, o desafio do diálogo inter-religioso, a busca por uma representação mais igualitária nas organizações governamentais dos Institutos e, de modo mais geral, na estrutura da Igreja. Então, pediu-se ao Papa que oferecesse orientações no que diz respeito a esta situação.

O pontífice afirmou estar bem ciente das mudanças geográficas existentes na vida consagrada e que “todas as culturas são capazes de ouvir o chamado do Senhor, e que ele é livre para suscitar mais vocações em uma parte do mundo do que em outras. O que o Senhor quer dizer ao nos enviar vocações provindas das Igrejas mais jovens? Não sei. Mas me faça essa pergunta. Temos que fazê-la. O desejo do Senhor se encontra, de alguma forma, aí. Há Igrejas que estão dando frutos novos. Talvez, em algum momento elas não eram tão férteis, mas agora estão sendo. É claro, necessitamos repensar a inculturação do carisma. O carisma é único, porém ele precisa – como costumava dizer Santo Inácio – ser vivido de acordo com cada lugar, tempo e indivíduo. O carisma não é uma garrafa de água destilada. Ele precisa ser vivido energeticamente assim como precisa ser interpretado culturalmente. Mas, nesse sentido, há o perigo de cometer equívocos; uns dirão, o perigo de cometermos erros. É arriscado, certamente. Certamente

iremos cometer enganos, não há dúvida. Mas isso não deverá ser motivo para nos fazer parar, porque há a chance de cometermos enganos maiores. Na verdade, deveríamos sempre pedir perdão e olhar envergonhados para as falhas apostólicas devidas à falta de coragem. Por exemplo, pensemos nas intuições pioneiras de Matteo Ricci.

“Não estou me referindo às adaptações folclóricas dos hábitos, dos costumes”, continuou o Papa. “Trata-se de uma questão de mentalidade, de modo de pensar. Por exemplo, há povos que pensam de forma mais concreta do que abstrata, ou ao menos numa forma diferente de abstração em relação àquela forma ocidental. Eu próprio vivi esta experiência quando era o provincial jesuíta na Argentina. Lembro dos muitos esforços que um Irmão jesuíta e eu expendíamos quando conversávamos, mesmo sobre coisas simples do dia a dia; ele era de uma região onde o povo Guarani vivia, um povo que desenvolveu uma forma de pensamento muito concreta. Precisamos viver com coragem e nos confrontar com estes desafios também sobre temas importantes. Afinal, não posso formar alguém como uma pessoa consagrada sem considerar sua vida, suas experiências, mentalidade e contexto cultural. Este é o caminho. É isso o que os grandes missionários fizeram. Lembro agora as aventuras extraordinárias do jesuíta espanhol Segundo Llorente, um missionário tenaz e contemplativo no Alaska. Ele não apenas aprendeu o idioma como também a forma concreta de pensar daquele povo. Portanto, inculturar o carisma é fundamental, e isso não quer dizer, de forma alguma, relativizá-lo. Não podemos fazer do carisma algo rígido ou uniforme. Quando fazemos nossas culturas uniformes, matamos nosso carisma”, concluiu decisivamente o pontífice, indicando a necessidade de “introduzir pessoas de várias culturas para dentro da governança das Ordens e Congregações, pessoas que expressem os diversos modos de viver o carisma”.

Certamente o Papa Francisco está ciente dos riscos, mesmo em termos de “recrutamento vocacional”, feito pelas novas Igrejas. Entre outras coisas, ele recordou que, em 1994, no contexto do Sínodo da Vida Consagrada e de sua Missão, bispos filipinos criticaram o “tráfico de noviços”, ou seja, a chegada massiva de congregações estrangeiras que inauguravam casas de formação no arquipélago visando o recrutamento de vocações para serem levadas à Europa. “Precisamos ficar de olhos abertos para situações como essa”, disse o Papa.

Ele também dispensou tempo para falar sobre os irmãos e, de forma mais geral, sobre os religiosos que não são sacerdotes. Lamentou que uma consciência adequada desta vocação específica não foi ainda desenvolvida. Referiu-se ao documento relacionado a este assunto o qual nunca apareceu e que, talvez, poderia ser retomado. Este poderia ser finalizado e, assim, facilitar as coisas para uma reflexão mais satisfatória. Nesse momento, o Papa olhou para o cardeal João Braz de Aviz, prefeito da Congregação dos Institutos da Vida Consagrada, e para o Dom José Rodríguez Carballo, que estavam presentes na Assembleia, convidando-os a considerarem a questão. Ele então concluiu: "Realmente não acredito que a crise vocacional entre os religiosos que não são sacerdotes seja um sinal dos tempos, dizendo a nós que esta vocação chegou ao fim. Em lugar disso, deveríamos compreender o que Deus está nos pedindo". Ao responder a uma pergunta relacionada a irmãos consagrados como superiores em ordens clericais, o Papa disse que este é um assunto canônico e que precisa ser pensado neste nível de discussão.

### **A formação é uma obra de arte, não uma ação policialesca.**

Logo a seguir, o Papa Francisco escuta algumas poucas perguntas sobre formação. Imediatamente ele responde, indicando suas prioridades: "A formação de candidatos é fundamental. Há quatro pilares da formação: o espiritual, o intelectual, o comunitário e o apostólico. O fantasma que se deve combater é a imagem da vida religiosa entendida como um refúgio e consolo face a um mundo 'externo', difícil e complexo. Estes quatro pilares precisam estar integrados já desde o primeiro dia em que entram para o noviciado, e não devem ser estruturados de modo sequencial. Precisam ser interativos".

O Papa está ciente do fato de que o problema da formação, hoje, não é algo fácil de se lidar: "A cultura de hoje é muito mais rica e conflitiva do que aquela que vivemos em nossos dias, décadas atrás. Nossa cultura era mais simples e ordenada. Atualmente, a inculturação clama por uma atitude diferente. Por exemplo, não se resolvem os problemas simplesmente proibindo de se fazer isso ou aquilo. É necessário muito diálogo, muita confrontação. Para evitar problemas, em algumas casas de formação os jovens ficam calados, tentam não cometer erros evidentes, seguem as regras sorrindo, apenas esperando pelo dia em que lhes dirão: 'Bom,

terminaste a formação.’ Isso é a hipocrisia, fruto do clericalismo, que é um dos males mais terríveis. Já disse isto aos bispos do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) este ano [2013] no Rio de Janeiro: precisamos vencer esta propensão ao clericalismo em nossas casas de formação e em nossos seminários também. Resumo tudo isso com um conselho que certa vez recebi quando era jovem: ‘Se queres ir adiante, pense claramente e fale obscuramente.’ Era um convite claro à hipocrisia. Precisamos evitar isso a todo custo”. Com efeito, no Rio de Janeiro, o Papa identificou o clericalismo como uma das causas da “falta de maturidade e liberdade cristã” no Povo de Deus.

Disso, segue-se que “se o seminário for muito grande, precisa-se separá-lo em comunidades menores com formadores que estejam capacitados a acompanhar, verdadeiramente, aqueles de sua responsabilidade. O diálogo deve ser sério, sem medo, sincero. É importante lembrar que a linguagem dos jovens em formação, hoje, é diferente daquela do passado: estamos vivendo uma mudança de época. A formação é uma obra de arte, não uma ação policialesca. Devemos formar o coração dos jovens. Do contrário, formaremos pequenos monstros. E, então, estes pequenos monstros formarão o Povo de Deus. Isso me dá arrepios”.

Então, o Papa insistiu no fato de que a formação não deveria se orientar somente em direção ao crescimento pessoal, mas também na busca de seu objetivo último: o Povo de Deus. É importante pensar sobre o povo para o qual estas pessoas serão enviadas durante sua formação: “Precisamos sempre pensar nos fiéis, no Povo fiel de Deus. É necessário formar pessoas que sejam testemunhas da ressurreição de Jesus. O formador tem que pensar que a pessoa em formação será chamada a cuidar do Povo de Deus. É necessário sempre pensar no Povo de Deus durante todo este processo. Pensemos nos religiosos que têm o coração tão ácido quanto o vinagre: eles não foram feitos para o povo. No final, não devemos formar administradores, gerentes, mas pais, irmãos, companheiros de viagem”.

Por fim, o Papa Francisco quis destacar um risco maior: “Aceitar um jovem no seminário que tenha sido pedido a deixar o Instituto religioso por causa de problemas com a formação e por razões sérias é um enorme problema. Não falo das pessoas que se reconhecem como pecadoras: todos somos pecadores, porém nem todos somos corruptos. Pecadores são aceitos, mas não pessoas corruptas”. Aqui o Papa fez lembrar a importante

decisão do Papa Bento XVI ao lidar com casos de abuso: “Isso deveria servir como uma lição para nós a fim de termos coragem de abordar a formação pessoal como um desafio sério, sempre tendo em mente o Povo de Deus”.

### **Vivendo a fraternidade, “amenizando os conflitos”.**

O Sínodo da Nova Evangelização pediu que os religiosos sejam testemunhas da força humanizadora do Evangelho por meio da vida em fraternidade. Tomando como inspiração esta intervenção, fizeram-se ao Papa Francisco algumas perguntas sobre a forma como os religiosos deveriam viver como irmãos: “Como mantermos juntos os compromissos da missão com aqueles da vida comunitária? Como podemos combater a tendência do individualismo? Como deveríamos agir em relação ao um irmão em dificuldade ou que vive ou cria conflitos? Como podemos conjugar justiça e misericórdia em casos difíceis?”.

Aqui o Papa lembrou-se que, no dia anterior, havia se encontrado com o superior da Comunidade de Taizé, o Irmão Alois: “na Comunidade de Taizé existem católicos, calvinistas, luteranos, etc. Todos vivem realmente uma vida de fraternidade. Por outro lado, as enfermidades da fraternidade possuem forças que as destroem. A tentação contra a fraternidade é o que mais impede o caminho para a vida consagrada. São João Berchmans costumava dizer que sua maior penitência era precisamente a vida comunitária. Às vezes, viver em fraternidade é difícil, mas se não for vivida não será produtiva. A obra, também a ‘apostólica’, pode-se tornar uma fuga da vida fraterna. Se alguém não consegue viver em fraternidade, não poderá viver uma vida religiosa”.

“A fraternidade religiosa – continuou –, com toda a sua diversidade possível, é uma experiência de amor que vai além dos conflitos. Conflitos comunitários são inevitáveis: de certo modo, eles precisam ocorrer, caso a comunidade esteja verdadeiramente vivendo relações sinceras e honestas. É a vida. Não faz sentido pensar em uma comunidade na qual haja irmãos que não vivenciam dificuldades em suas vidas. Algo está faltando em comunidades onde não existam conflitos. A realidade dita que existam conflitos em todas as famílias e grupos humanos. E os conflitos precisam ser encarados de cabeça erguida: não deveriam ser ignorados. Encobri-los só cria uma panela de pressão que irá, por fim, explodir. Uma vida sem conflitos não é vida”.

O valor em jogo é alto. Sabemos que um dos princípios fundamentais do Papa Francisco é que a “unidade prevalece sobre o conflito”. Suas palavras dirigidas aos religiosos devem ser lidas à luz da exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (226-230), onde se pede para “aceitar suportar o conflito, resolvê-lo e transformá-lo no elo de um novo processo” (227). Faz-se importante recordar que, para Bergoglio, a realização pessoal jamais é um empreendimento exclusivamente individual, e sim coletivo, comunitário. Nesse sentido, o conflito pode – e mesmo deve – envolver um processo de maturação.

Em todo caso, conflitos devem ser abordados com aconselhamento espiritual: “Jamais deveríamos agir como o sacerdote ou o levita na parábola do bom samaritano, que simplesmente passaram ao longe. Mas o que deveríamos fazer? Lembro-me – disse o Papa – da história de um jovem, de 22 anos, que sofria de profunda depressão. Não estou falando de um religioso, mas de um jovem que morava com sua mãe, a qual era viúva e que lavava roupas para famílias ricas. Este jovem não mais foi trabalhar e vivia ofuscado pelo álcool. A mãe não conseguia ajudá-lo: toda manhã, antes de sair, ela simplesmente o olhava com grande ternura. Hoje este jovem é uma pessoa importante: superou o problema, porque, no final, aquele olhar de ternura de sua mãe o sacdiu. Precisamos recuperar esta ternura, incluindo a ternura materna. Pensemos na ternura que São Francisco viveu, por exemplo. A ternura ajuda a superar os conflitos. Se isso não bastar, poderá ser o caso de trocar de comunidade”.

“É verdade – o Papa Francisco continuou –, às vezes somos muito cruéis. Todos vivemos a sensação de criticar visando satisfação pessoal ou obter vantagens. Por vezes, os problemas na fraternidade devem-se a personalidades frágeis, casos nos quais a ajuda de um profissional, um psicólogo, deveria ser procurada. Não há porque ter medo disto: não se precisa temer cair, necessariamente, no psicologismo. Mas nunca, nunca deveríamos agir como administradores ante o conflito de um irmão. Temos que envolver o coração”.

“A fraternidade é algo delicado. No hino das Primeiras Vésperas de São José, no breviário argentino, pede-se ao santo para cuidar da Igreja com ternura de Eucaristia, ‘ternura eucarística’. Eis como devemos tratar nossos irmãos: com ternura eucarística. Precisamos cuidar dos conflitos. Lembro-me de quando Paulo VI recebeu a carta de uma criança com muitos

desenhos. Ele disse que o fez muito bem ter recebido uma carta dessas sobre uma mesa repleta de tantas outras que só falavam de problemas. A ternura nos faz bem. A ternura eucarística não mascara os conflitos, mas ajuda-nos a enfrentá-los como homens”.

### **As relações mútuas entre os religiosos e as Igrejas locais**

A esta altura do diálogo, os Superiores Gerais fizeram ao Papa várias perguntas relativas às atividades das comunidades religiosas no contexto das Igrejas locais e sobre a relação destas comunidades com os bispos: Como podemos fomentar a comunhão entre os distintos carismas e formas de vida cristã de maneira a cultivar o crescimento de todas e um desenvolvimento melhor da missão?

O Papa respondeu que está pendente, há muitos anos, o pedido para rever os critérios das diretrizes que foram promulgadas, em 1978, pela Congregação para os Religiosos e pela Congregação para os Bispos (Mutuae Relationes), diretrizes que são concernentes às relações entre bispos e religiosos na Igreja. O pontífice é da opinião de que esta é a hora, porque “aquele documento foi útil naquele período, mas que agora está desatualizado. Os carismas dos vários Institutos precisam ser respeitados e fomentados porque são necessários nas dioceses. Conheço por experiência os problemas – continuou – que podem haver entre um bispo e as comunidades religiosas”. Por exemplo, “se os religiosos decidem um dia deixar uma de suas obras devido à falta de religiosos, o bispo logo se encontra com uma batata quente nas mãos. Eu mesmo passei por experiências difíceis como esta. Se me informavam que uma obra estava sendo abandonada, eu não sabia o que fazer. Na verdade, uma vez me contaram isso só após, quando já havia ocorrido. Inversamente, posso também falar de outros episódios muito positivos. O fato é que conheço os problemas, mas também sei que os bispos nem sempre estão por dentro dos carismas e das obras dos religiosos. Nós, bispos, precisamos entender que as pessoas consagradas não são funcionárias, e sim presentes que enriquecem as dioceses. O envolvimento das comunidades religiosas nas dioceses é importante. O diálogo entre o bispo e os religiosos tem que ser resgatado, de modo que, devido à falta de entendimento de seus carismas, os bispos não vejam os religiosos simplesmente como instrumentos úteis”. Por esta razão, o Papa confiou à Congregação para os Religiosos a tarefa de

retomar a reflexão sobre o documento *Mutuae Relationes* e trabalhar em sua revisão.

### **As fronteiras da missão: marginalização, cultura e educação**

As últimas perguntas estiveram relacionadas às fronteiras da missão das pessoas consagradas. Frequentemente, o Papa fala sobre “partida, ida, fronteiras”. Então, os Superiores Gerais perguntaram o que poderiam ser estas fronteiras para as quais se poderia ir em saída: “Como vê a presença da vida consagrada nesta realidade de exclusão que vivemos? Muitos Institutos estão engajados na questão da educação. Nesse sentido, como vê este tipo de serviço? O que diria aos religiosos que se engajam neste campo?”

Antes de tudo, o Papa afirma que as fronteiras geográficas certamente ainda existem e que é necessário estarmos dispostos a nos movimentar. Mas há também fronteiras simbólicas que não são predeterminadas e que não são as mesmas para todos. Pelo contrário, “temos que buscá-las na base do carisma de cada Instituto. Portanto, precisamos fazer o discernimento segundo cada carisma em particular. Por certo, as realidades de exclusão se apresentam como as prioridades mais significativas, mas elas necessitam de discernimento. O primeiro critério é mandar as pessoas mais talentosas a estas situações de exclusão e marginalização. Estas são as situações mais arriscadas e que precisam de coragem e uma grande dose de oração. Além disso, é necessário que os Superiores apoiem e encorajem as pessoas dedicadas a esta obra”. Sempre há o risco, lembrou o Papa, de se deixar levar pelo entusiasmo; isso pode resultar no envio de religiosos que tenham boa vontade, mas que não estejam preparados para as situações que encontrarão nas fronteiras dos marginalizados às quais forem enviados. Não devemos tomar decisões quanto aos marginalizados sem estarmos certos do discernimento adequado e do apoio.

Junto deste desafio dos marginalizados, o Papa referiu-se a dois outros importantes desafios sempre presentes: um cultural e outro que tem a ver com a educação em escolas e universidades. A vida consagrada pode oferecer um grande serviço. Ele lembrou: “Quando os padres da *Civiltà Cattolica* vieram me visitar, falei com eles sobre as fronteiras do pensamento, pensamento que é único e fraco. Recomendiei-lhes estas fronteiras. Assim como o reitor maior dos salesianos sabe, tudo para eles começou a partir

de um sonho de educação de fronteira, o sonho de Dom Bosco que levou os salesianos às periferias geográficas da Patagônia. Poderíamos dar tantos outros exemplos”.

Para o Papa, os pilares da educação são: “transmitir conhecimento, transmitir modos de fazer as coisas, transmitir valores. Através destes transmite-se a fé. O educador, ou educadora, deve estar à altura das pessoas que educa; ele ou ela precisa se interrogar sobre a forma como anunciar Jesus Cristo a uma geração em constante mudança”. Ele, pois, insiste: “A educação, hoje, é a missão central, central, central!” Lembrou algumas de suas experiências em Buenos Aires relativas à preparação necessária para acolher as crianças num contexto educacional, meninos e meninas, jovens que vivem situações complexas, especialmente em família: “Lembro do caso de uma menina muito triste que, ao final, confiou à sua professora a razão de seu estado de ânimo: ‘a namorada de minha mãe não gosta de mim.’ A porcentagem de crianças estudando que têm pais separados é muita alta. A situação em que vivemos no momento nos dá novos desafios que, às vezes, são difíceis de compreendermos. Como podemos proclamar Cristo a estes meninos e meninas? Como podemos proclamar Cristo a uma geração que está em constante mudança? É necessário estarmos atentos a não ministrar vacinas contra a fé que possuem”.

Ao final de três horas, por volta das 12h30min, o Papa disse lamentar ter que dar fim à conversa: “Vamos deixar algumas perguntas para uma próxima vez”, disse sorrindo. Confessou que o dentista estava lhe esperando. Antes de se despedir dos Superiores Gerais, ele tem um anúncio a fazer: 2015 será um ano dedicado à vida consagrada; estas palavras foram recebidas com uma longa salva de palmas. O pontífice olha sorridente para o prefeito e para o secretário da Congregação para os Religiosos e Institutos seculares, dizendo: “É culpa deles; é uma das ideias deles: é perigoso quando estes dois se juntam”, provocando risadas entre todos da Assembleia.

Ao deixar a sala, afirmou: “Obrigado, obrigado pelo ato de fé que tiveram neste encontro. Obrigado pelo que vocês fazem, pelo espírito de fé e pela busca do serviço. Obrigado pelo seu testemunho, pelos mártires que vocês continuam a dar à Igreja, bem como pelas humilhações às quais têm que passar: é o mundo da Cruz. Agradeço-os do fundo de meu coração”.

## COM A PALAVRA, NOSSAS IRMÃS

### CONVERSA ENTRE AMIGAS II

*Ir. Vera Brasil da Nóbrega, fc*



– Vamos conversar um pouco novamente.

– Eh! Não vai chover. O céu está azul, favorecendo nossas lembranças.

– Sim, abramos o baú do tesouro de nossas raízes com detalhes desconhecidos, porque oficialmente há livros sobre a história da Província.

– Por exemplo, ali na esquina, à nossa esquerda era o Instituto São Vicente de Paulo (ISVP), que foi fechado. Quando isto foi confirmado, um grupo de mães dos alunos, vestidos de escuro, vieram dar o

abraço de despedida no colégio. Deram-se as mãos e fizeram uma grande roda em volta do prédio, da frente até a quadra do outro lado.

– Isto foi tão comovente, que eu desviei o meu olhar para não chorar...

– E eu penso que poucas são as Irmãs que conhecem o que segue:

– É sobre a aluna que 'adorava' o Instituto?

– Sim, ela mesma. Era sobrinha neta de Ir. Cecília Bhering...

– Sim, aquela Irmã de São Paulo, enfermeira, engajada na Pastoral da Família, que dava palestras e cursos de planejamento familiar?

– Sim, ela mesma.

– Completando os estudos daqui, a menina foi embora debruçada em lágrimas. Ouvi isto das Irmãs, pois nada vi.

– Aos quinze anos, mais ou menos, adoeceu de leucemia e veio a falecer.

– E o pai, que sabia de seu amor pelo Instituto, anos depois da exumação, trouxe a caixa com os ossos da filha e a enterrou aos pés daquela imagem branca de Nossa Senhora, na frente do Seminário.

– Isto tudo com as devidas permissões. E aos sábados, vinha rezar diante do pequeno túmulo. Ele era taxista.

– Daqui, nós o víamos rezando. Depois ele sumiu. Ir. Cecília faleceu e nada mais soubemos...

– Agora quero me lembrar de uma Irmã que trabalhava na gráfica (hoje, a sala vizinha da portaria da Casa Provincial).

– Lembro-me, sim!

– Irmã Celina Uchôa, cearense! Foi pioneira do memorial de hoje. Veja porquê: juntava material histórico da Companhia numa saleta do térreo. Tudo muito organizado. Classificou também uma biblioteca para as Irmãs. Quanto amor revelava à Comunidade.

– E eu me recordo da Ir. Callier. Acho que poucas dela se lembram. Francesa, veio ajudar Ir. Nóbrega, a diretora do Seminário. Eram tantas as Irmãzinhas, chegando a 100! Tempos da 'vacas gordas'... Foi, então, 2ª diretora. Ela dava aulas para as noviças e as acompanhava. Era a delicadeza personificada. Depois foi assistente, econôma. Retornou à França e lá faleceu, na Casa Mãe. Uma santa! Eu a canonizo...

– Nesta procissão de Irmãs, vejo uma que foi visitadora, tinha tanto amor às Irmãs idosas, que montou para elas um gabinete dentário com dentista e tudo! Que maravilha! Ela não tinha boa saúde e pediu para deixar sua função.

– Sei quem era: a Ir. Zenóbia. Muito acolhedora e piedosa... culta!

– E aquela Irmã que gostava de ajudar todo mundo? Esperta, viva, atendia a todos com satisfação, sorridente. Dedicção em pessoa, trabalhava no Secretariado...

– Já sei! Ir. Maria Teresa Ávila! Gostava de passar ótimos filmes à noite nos retiros e punha músicas durante as refeições. Os pregadores gostavam muito dela porque os ajudava como podia, colaborando para que o ambiente fosse propício às retirantes.

– Nesta procissão, vejo logo Ir. Tereza Nunes. Muito piedosa, criativa, engraçada. Foi diretora do Seminário, depois que retornou de Paris, onde trabalhou e fez cursos. Gostava muito de encenações e sempre tomava parte nelas. Também fez um belo trabalho na Mém de Sá, no Dispensário.

– Havia uma Irmã em Castelo (ES) que fez uma excelente e extraordinária catequese. Todos os dias, às 5h00 da manhã, saía um ônibus lotado de operários de Castelo para Cachoeiro do Itapemirim, viagem de uma hora, mais ou menos. Eram os empregados da empresa Itapemirim.

– Já sei! É a Ir. Zuleide, pernambucana... Ela pegava o ônibus também e, durante o percurso, com o microfone, preparava os operários para a Primeira Eucaristia! E também...

– Também foi a pioneira dos tapetes de rua para a passagem do Santíssimo em Corpus Christi. Começou com um grupo de jovens, decorando só uma rua. Depois, a cada ano, eram mais ruas. Passava a noite em claro orientando, ajudando. Foi um sucesso! A cada ano, mais turistas vinham para apreciar. E o costume se espalhou pelo país afora.

– Vamos parar por aqui, pois quem está lendo já deve estar cansado...

– Então, até a próxima!

## NOTÍCIAS

### ##SAVV RIO-50 ANOS GERAÇÕES DE UMA ESCOLHA DE VIVER PARA SERVIR

*Ir. Sandilene Maria de Sousa Bocafoli,fc*

“Coragem, minhas Irmãs! Agi sempre com um grande coração, cheio de puro amor a Deus que nos leve a amar as rosas no meio dos espinhos!”

(Santa Luísa de Marillac, C. 33, p. 49).

No último dia 08 de maio, domingo do Bom Pastor, dia mundial de oração pelas vocações sacerdotais e religiosas, a Província do Rio de Janeiro encerrou a caminhada jubilar por ocasião dos 50 anos do Serviço de Animação Vocacional Vicentino – como iluminou o lema escolhido: “Gerações de uma escolha de viver para servir!”.



Em maio de 2021, na Festa da Visitação, demos início a esse percurso, na companhia de Maria, a bem-aventurada que acreditou nas promessas do Senhor. Iluminadas pelo seu testemunho de mobilidade e generosidade que a impeliu ao encontro de sua prima Isabel, fomos convidadas a viver este ano como um tempo de reencantamento. Reencantamento com o dom da vocação recebida e assumida, livre e gratuitamente. Reencantamento com o sentido de nossa entrega a Cristo, pela prática do amor afetivo e efetivo com as Irmãs de Comunidade e com os Pobres a quem somos enviadas. Reencantamento pela pertença a uma Companhia Internacional e pela consolidação da Cultura Vocacional, despertando as juventudes ao encontro com Jesus Cristo e, quem sabe, ao seu seguimento na Companhia.

Muito a agradecer ao bom Deus que ao longo de todos esses anos, vem sensibilizando e mobilizando corações generosos e solícitos com a promoção vocacional. Tivemos oportunidade de resgatar testemunhos inspiradores daquelas que nos precederam na caminhada vocacional

como: Ir. Catarina Labouré, Ir. Rosalie Rendu, Bem-aventuradas Mártires de Arrás, Ir. Lindalva, as primeiras Irmãs que vieram em missão para o Brasil, além de nossas Irmãs que acolheram a provocação feita por Irmã Ione, em 1971 e doaram-se à missão vocacional. Enfim, almas enamoradas por Deus e pelo carisma vicentino que não mediram esforços em difundir esse amor inventivo ao infinito, abrasando novos corações.

Hoje, cada uma de nós é chamada a dar continuidade a esta caminhada a partir do seu testemunho pessoal de oração e missão em prol das vocações: primeiramente, dentro de nossas Comunidades, umas com as outras, para, então, abrasarmos o coração das juventudes. Eis o grande exemplo que tanto os primeiros apóstolos como as primeiras Irmãs nos deram. Só poderemos animar vocacionalmente alguém, se o nosso coração estiver pulsando no compasso do amor afetivo e efetivo que nos caracteriza como Servas dos Pobres. Rezemos sempre por novas vocações, mas também, pela vocação umas das outras, a fim de que, fortalecidas, sejamos Comunidades fecundas.

Bendito seja Deus por toda a nossa caminhada jubilar! Bendito seja Deus pela adesão de cada Irmã e de toda a Província em trilhar esse caminho, com esperança e alegria! Que este seja o início de uma nova etapa para a Animação Vocacional que, abraçando o chamado da Assembleia Geral, quer sair porta afora, ir para, encontrar novas e santas vocações para a Companhia e para a Igreja!

Façamos memória das palavras de Santa Luísa: “Nosso bom Deus sabe o que quer fazer e o que fará com a Companhia” (C.461). Nesta certeza, confiemos à Santíssima Virgem, Mãe da Companhia, os passos futuros da animação vocacional, as jovens que estão sendo acompanhadas e toda a Província do Rio de Janeiro, a fim de que permaneça irradiando a beleza do amor-caridade, em suas idas e vindas.

## ENCONTRO DE IRMÃS SERVENTES E ENTREGA DO DOCUMENTO INTERASSEMBLEIAS

*Ir. Ileuza Luiza da Silva, fc*

“Quem ama, põe-se em movimento, sente-se impelido para fora de si mesmo: é atraído e atrai; dá-se ao outro e tece relações que geram vida.”  
(Papa Francisco para o dia Mundial das Missões de 2019)

Nos dias 30 e 31 de Maio de 2022, todas as Irmãs serventes foram convidadas por Irmã Selma e seu Conselho a se reunirem na Casa Provincial para o Encontro de Irmãs Serventes, onde ocorreu uma celebração para a entrega do Documento Interassembleias 2021-2027.



O Documento Interassembleias vai nos apontar caminhos a percorrer em nosso trabalho e Missão. Ele vai nos ajudar a atravessar as portas de nossos corações e outras portas, para ir ao encontro dos mais pobres, excluídos, marginalizados, os invisíveis da sociedade. São indicadas as chaves certas para abrir as portas e as orientações concretas para trilhar este caminho. Para que esta missão seja concretizada, temos que caminhar na vida de oração com os olhos fixos em Jesus. E caminhar juntas, na vida fraterna, para sermos efetivas e afetivas na Missão. Temos consciência sim de que este é um desafio para nós. Mas, com as luzes do Espírito Santo e

a intercessão de São Vicente e Santa Luísa, deixaremos as estéreis rotinas para viver o Evangelho com alegria, radicalidade, centralizando nosso olhar, nosso coração e todas as nossas forças na missão que Deus nos confia.

Muito obrigada, Irmã Selma e Conselho, por esta feliz inspiração e iniciativa iluminada pelas luzes do Espírito Santo e conduzida pela presença materna de Maria, Mãe e mestra da Companhia, de nos propiciar estes dias de formação, celebração, partilha, convívio, revigoramento e aprendizagem. Por tudo, bendito seja Deus.

A mim fica o compromisso de amar e servir com alegria na missão que foi me confiada.



O nosso encontro foi encerrado com uma bonita Celebração Eucarística pelo dia da Visitadora, festa de Nossa Senhora da Visitação. No momento de ação de graças, crianças do CEIV Casa da Criança São José – São João de Meriti/RJ, vestidas de São Vicente e Santa Luísa, entregaram lindas flores a Irmã Selma, que agradeceu emocionada.

Que Deus a abençoe, Irmã Selma, e a revigore em sua missão!

Conte com nossas orações.



## **26ª ASSEMBLEIA GERAL DA CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL: HORIZONTES E PRIORIDADES**

A Conferência dos Religiosos do Brasil realizou sua 26ª Assembleia Geral de 19 a 22 de julho, em Brasília. Durante a Assembleia, foram apresentadas as prioridades para a Vida Consagrada no Brasil, hoje. Segue o texto:

“Nós, consagradas e consagrados, na busca de ressignificar a Vida Religiosa Consagrada no discipulado de Jesus Cristo, em sinodalidade e em missionariedade, em contínua conversão, à luz da Palavra, somos convocadas e convocados a permanecer no Seu amor, escutar e responder, com esperança, os gritos e os clamores de nosso tempo, para tornar visível o Reino de Deus.

### **Prioridades do eixo do discipulado**

- Cultivar a vivência encarnada da Palavra de Deus como um itinerário de conversão, em atitude de escuta e discernimento.
- Promover a mística do cuidado consigo, com os outros/os e com a casa comum, inspiradas/os na Trindade.

### **Prioridades do eixo da sinodalidade**

- Fortalecer relações interculturais, intercongregacionais e intergeracionais e efetivar parcerias com outros organismos.
- Atualizar a organização da CRB, em vista da realidade da Vida Religiosa Consagrada de hoje.
- Viver a sinodalidade, partindo da escuta ativa e criativa, favorecendo a irmandade, humanizando, ressignificando e reconfigurando nosso modo de ser, estar e agir em nossas comunidades e no mundo.

### **Prioridades do eixo da missionariedade**

- Assegurar nossa presença transformadora junto às juventudes das periferias existenciais e geográficas.
- Assumir a ecologia integral e o bem-viver como um estilo de vida na defesa da Casa Comum e dos povos originários.
- Ser presença significativa entre as diversas formas de pobreza e vulnerabilidade.

## ENCONTRO INTERPROVINCIAL DO SAVV

*Ir. Adriana de Souza Viana, fc*

Entre os dias 16 e 19 de junho de 2022, a Província das Irmãs Filhas da Caridade do Rio de Janeiro recebeu o IX Interprovincial do Serviço de Animação Vocacional Vicentino, com o tema: "Criando uma Cultura Vocacional no meio das Juventudes", e o lema: "Saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo" (Papa Francisco, EG 49).

Estiveram presentes os seguintes Ramos Consagrados da Família Vicentina: Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, em suas seis Províncias; Congregação da Missão; Fráteres da Misericórdia e Irmãs Vicentinas de Gysegem.

O Encontro foi aberto oficialmente com a Celebração Eucarística na Capela da Medalha Milagrosa, às 19h30, sob a responsabilidade das Filhas da Caridade da Província do Rio de Janeiro. Por ser dia da Solenidade de Corpus Christi, pãesinhos e a Logo do Interprovincial entraram no momento do ofertório, reforçando nosso desejo de, uma vez alimentados pelo Pão do Céu, sermos também nós alimento para o próximo, particularmente para os jovens e para os pobres. Ao final da Celebração Eucarística, a Visitadora, Ir. Selma Aparecida dos Santos, deu as boas-vindas aos visitantes, e os pães foram distribuídos para os membros do Interprovincial e demais participantes da Eucaristia.

No dia 17 de junho, sexta-feira, a oração da manhã ficou sob a responsabilidade da Província da Amazônia, e a primeira assessoria foi feita por Ir. Gislene Danielski, fdz, que desenvolveu o tema: "Mosaico das Juventudes". Segundo ela, existe uma linguagem que fala à Juventude: a linguagem do amor, da santidade, da proximidade. Devemos chegar aos jovens pelo caminho da humanidade. Destacou que "temos um desafio enorme em nossas mãos, não por causa dos jovens, mas de nós mesmos. Todos somos animadores vocacionais, e a cultura vocacional começa dentro de nossas comunidades, caso contrário, estamos fadados ao fracasso. A vocação é um processo contínuo, um chamamento. Deus chama sempre! Será que a gente tem consciência da nossa missão, e de que ela permeia toda a nossa vida, onde quer que estejamos? Somos animadores vocacionais em todos os momentos? Começamos dentro de casa, começamos dentro

da casa do nosso coração. Pessoas medíocres atraem pessoas medíocres. Vocações medíocres atraem vocações medíocres. Congregações que vivem na mediocridade atraem pessoas medíocres. Animação vocacional começa no testemunho”.

A Assessora nos trouxe uma citação de Sócrates, do séc. V a.C., falando sobre os jovens:

*“Nossos adolescentes atuais parecem amar o luxo. Têm maus modos e desprezam a autoridade. São desrespeitosos com os adultos e passam o tempo vagando nas praças... São propensos a ofender seus pais, monopolizam a conversa quando estão em companhia de outras pessoas mais velhas; comem com voracidade e tiranizam seus mestres.” (Sócrates, séc. V a.C.)*

Ir. Gislene prosseguiu colocando que os jovens não são só entusiasmo ou indisciplina; eles têm seus momentos. E, como todas as pessoas, têm diferenças. Logo, não existe juventude, mas “juventudes”. Por isso, aquele encontro de despertar vocacional vai falar para 10, mas não para todos. Também por isso, faz-se necessário um olhar de sensibilidade, que consiga de fato ver que não existe resposta pronta ou receita.

O questionamento que nos fez foi: “Será que o nosso objetivo enquanto animadores vocacionais é somente aumentar as fileiras da nossa Congregação? Ou ele vai além, na linha da realização pessoal do jovem, da alegria? Para tal, é preciso amar, e amar em profundidade, de verdade”.

Em seguida, Ir. Gislene trouxe um olhar eclesial sobre os jovens, na ótica do Concílio Vaticano II. Disse que a Igreja vê nos jovens um **símbolo de si mesma** (Paulo VI), não por estratégia, mas por **vocação**. Os vê como **esperança**, não por simples interesse de perpetuação, mas por ser o jovem um **lugar teológico** (CELAM) de encontro com Cristo e também espaço de ação do Espírito Santo que continua fazendo novas todas as coisas. (cf. Doc. Ap. 21,6). É verdade que o Concílio não dedicou um documento ou algum capítulo desses especificamente aos jovens, porém não deixou de tê-los como alvo de suas preocupações, uma vez que esteve em todos os momentos direcionado às necessidades do tempo presente.

Ir. Gislene sinalizou que não se pode acompanhar se não se está em processo de acompanhamento. Pode ser uma amizade verdadeira, uma

direção espiritual, ou outro. Acrescentou que a Animação vocacional precisa ter contato com a família do jovem, conhecer seus lugares de pertença. O Papa Francisco nos diz que Cristo “bota fé” nos jovens, que Cristo tem esperança nas juventudes, que lhes confia o futuro de sua própria causa. Os jovens são verdadeiramente o futuro de um povo.

Às 13h30, tivemos um momento de conversa on-line com a Conselheira Geral Ir. Ana Amélia Guedes da Cunha, que começou sua fala agradecendo o convite para participar deste momento no Interprovincial. Afirmou que esse serviço de Animação Vocacional Vicentino propõe um caminho muito desafiador, mas somos convocados a contribuir com os jovens neste caminho de busca do sentido da vida. Disse que a Equipe foi muito feliz na escolha do tema: Criar uma cultura vocacional no meio das Juventudes. Indicou o livro: O mínimo dos mínimos, de Hilário, como uma boa leitura a respeito do tema abordado, e deixou-nos alguns questionamentos:

1. Que rosto os jovens contemplam em nós, Irmãs? Somos capazes de testemunhar nossa alegria pela Consagração?
2. Cultivamos o sentido de gratidão pelo chamado à vida, à Consagração?
3. Qual a qualidade de nossa animação vocacional?

Ir. Ana Amélia nos alertou para o risco de nos preocuparmos muito com as grandes missões e deixarmos de lado o amor àqueles que estão ao nosso lado. Nossa missão passa pelo testemunho de um amor real que começa no seio das nossas comunidades. Destacou que o serviço de acompanhamento é uma missão que requer disponibilidade de quem o assume. Precisamos estar por inteiro. Infelizmente, às vezes, o tempo que nos sobra é o que será oferecido à Pastoral Vocacional. Colocou também que o animador precisa ir ao encontro dos jovens, e não apenas ficar esperando que o jovem chegue até ele; precisa conhecer a história de vida dos jovens, pois, acompanhar é colocar-se à disposição do Espírito Santo, testemunhando com a vida as maravilhas que Deus fez e faz na vida de seu povo, não nos esquecendo que o testemunho começa dentro de nossas comunidades, de nossas casas. Convidou-nos a olhar para Maria, modelo de entrega incondicional ao projeto do Pai, a Senhora do Puro Amor, que no silêncio doa a própria vida para se doar generosamente ao Projeto de Deus. Por fim, afirmou grande apreço a este serviço junto aos jovens e garantiu continuar numa sintonia

perfeita com o Interprovincial. Abriu espaço para perguntas ou colocações, e após este momento, convidou-nos a rezar uma Ave Maria. Antes, porém, Ir. Rosa, Visitadora da Amazônia, agradeceu a presença e a sintonia dela para com o Interprovincial.

A seguir, Carlos Eduardo Cardozo, o Cadu, abordou o tema: “Cultura Vocacional, um caminho em construção”. Iniciou sua fala lembrando que a Igreja no Brasil se prepara para viver o seu terceiro ano vocacional, que começa em novembro de 2022. Colocou que este tema já está presente na Animação Vocacional há quase 20 anos, quando, em 2003, se celebrou o segundo ano vocacional.

Carlos Eduardo refletiu que fazer animação vocacional hoje não é um caminho pronto, mas um caminho em construção. Não temos uma bula de remédio ou receita de bolo. Nesse caminho, muitos são os aspectos a se levar em conta, e muitos atores. Três são os atores principais: o próprio jovem, o Animador, e o Espírito Santo. Chamou atenção para o risco de fazer da animação vocacional um lugar de subsistência, ou seja, só porque faltam vocações, preocupando-se não com a realização do jovem ou com o chamado de Deus. Afirmou que esse modelo precisa ser superado imediatamente, pois todo ser humano é um ser vocacionado. Isso é trabalhar a cultura vocacional. Colocou que em 2003 se falava que todo cristão é vocacionado, mas agora, ampliou-se a reflexão, pois não só os batizados, mas todos somos vocacionados, uma vez que criados, amados e queridos por Deus.

O assessor destacou o novo cenário para o quadro vocacional. Hoje, precisamos saber um pouco de Psicologia, Teologia, Pastoral, etc.; e não basta conhecer, é preciso viver. Ressaltou que um dos elementos imprescindíveis é a comunicação, a linguagem. É preciso compreender a linguagem juvenil para que possamos atingi-lo na realidade em que se encontra, assim como a tecnologia que, nos dias de hoje, é ferramenta para a evangelização. Destacou também que é preciso conhecer bem o candidato, antes de aceitá-lo na Congregação. Advertiu-nos que a pressa é um grande risco, sobretudo quando a pressa é do animador vocacional.

Carlos Eduardo prosseguiu sua colocação destacando alguns **Desafios da Animação Vocacional**:

1. Despertar vocacional em pessoas mais amadurecidas.

2. Fragilidade nas motivações.
3. Déficit escolar e superficialidade da fé (Ou espiritualidades que destoam do Carisma Vicentino).
4. Situação econômica e social da juventude de hoje.
5. Instabilidade da juventude atual.
6. Insegurança trazida pela pandemia.
7. Expectativa X frustração na busca da Vida Religiosa Consagrada.
8. Judicialização das relações.
9. Afetos desordenados entre animadores-jovens.
10. Mau uso das tecnologias.

A seguir, Carlos Eduardo partilhou algumas reflexões sobre os **Caminhos e exigências para Animação Vocacional**.

- **Despertar uma Cultura Vocacional:** Assumir que todo ser humano é um ser vocacionado. O que podemos propor aos jovens? Uma experiência profunda de Deus; uma nova Igreja; uma nova sociedade; um caminho de discernimento; um projeto de vida. Não existe discernimento sem clima de oração; é a construção do próprio projeto pessoal de vida.

- **Acompanhar os jovens:** Proposta aberta ao diálogo, a uma atitude de discernimento, capaz de estar atenta ao mundo e à realidade atual, ser ousado e criativo, diversificando métodos e linguagens para a Evangelização.

- **Discernimento:** escuta e acompanhamento. Escuta atenta aos jovens que acompanhamos. Escutar, inclusive, o que não nos é dito. A escuta precisa vir acompanhada de muita sabedoria. Acompanhamento individual ou personalizado, comunitário ou grupal, em nível eclesial ou provincial de Congregação.

O assessor também sinalizou que a **cultura vocacional pressupõe uma pedagogia da escuta**. Foram elencados alguns desafios à Vida Consagrada, entre eles:

1. Testemunho evangélico.
2. Alegria da vida fraterna em comunidade.
3. A questão do poder.
4. Cansaço e desgaste.

5. Fechamento para as mudanças do mundo.
6. Sentem-se ameaçados diante dos/as jovens.

Colocou, mais uma vez, a necessidade de trabalharmos para reacender o brilho vocacional nos Consagrados que já integram a Congregação.

A Eucaristia deste dia foi celebrada às 17h pelo Pe. Marcelo Pontes, CM, de Fortaleza, e a Liturgia foi assumida e dinamizada pelas Filhas da Caridade da Província de Fortaleza. Após o jantar tivemos a apresentação das atividades realizadas a partir dos apelos do VIII Interprovincial, com a partilha das Filhas da Caridade e Padres da Missão de Fortaleza, das Filhas da Caridade da Província do Recife, de Curitiba e da Amazônia.

No sábado, dia 18 de junho, iniciamos o dia com a Eucaristia, às 8h, sendo a liturgia dinamizada pelas Filhas da Caridade da Província de Curitiba. Às 9h15 contamos com a assessoria do Pe. Geraldo Tadeu Furtado, Rogacionista, desenvolvendo o tema: "O Ministério do Animador Vocacional".

Pe. Geraldo iniciou sua fala afirmando que ministério exige de nós algo muito profundo, pois diz sobre tocar a essência, nos conhecermos bem, termos convicção do chamado que nos foi feito. Inconcebível exercer um ministério se estamos vazios; não vale a superficialidade, não valem somente palavras. O meu ministério, meu serviço, acontece dentro de um contexto histórico, geográfico, social...

Na sequência, Pe. Geraldo Tadeu nos levou a refletir sobre as necessidades do Serviço de Animação Vocacional, hoje, elencando alguns desafios que se colocam:

- **Mudança de época e cultura contemporânea.** Um serviço vocacional que compreenda a necessidade formativa dos vocacionados. Sensação da dissolução dos valores; crise da identidade familiar; falta de perspectiva no amanhã; vazio interior; perda do sentido do mistério; da falta de sentido das coisas da vida.

- **Contratemunho** de Animadores Vocacionais. Destacou a situação de pessoas que são colocadas no serviço de animação vocacional, apesar de estarem vivendo crises vocacionais ou existenciais. Colocou também que não se pode colocar no serviço de animação alguém que vive na superficialidade. É um ministério dentro do Mistério. Não se trata de cursos ou participação em todos os encontros, é preciso viver na autenticidade, na verdade e na coerência.

- Destacou a importância do **autoconhecimento**: quem eu sou? Resgatar o valor e o sentido desta nossa missão como sendo um ministério exercido é enfrentar os muitos desafios destes novos tempos que estamos passando, que não podem ser vistos como uma realidade fatídica. Por isso, não se escandalizar diante da realidade humana, de jovens e famílias.

- O sacramento maior é a **vida humana**. Muitas vezes, o futuro dessa vida está em nossas mãos, de um jovem, de uma jovem. Hoje... crise sanitária, guerras, situações políticas, econômicas, sociais e religiosas... São para tais situações que a Igreja e a Vida Religiosa de modo geral devem realizar seu planejamento e pensar suas estratégias de ação evangelizadora, comunicando sua mensagem de amor e de esperança ao mundo. O vocacionado está carente do amor, da esperança. O que eu tenho para oferecer é aquilo de mais profundo do meu ministério?

O assessor destacou que o primeiro aspecto do ministério do animador vocacional é: anunciar o amor e a esperança vocacional ao mundo... Mas como? Para anunciar o amor e a esperança vocacional ao mundo, é importante...

- Fazer memória do próprio chamado e avaliar o exercício do próprio ministério, buscando fidelidade ao chamado do Senhor e à confiança do Instituto. Acreditar no próprio chamado, na própria vocação, no próprio ministério. Qualquer vocacionado nos conhece muito bem; não conseguimos enganá-los.

- Atualizar a linguagem vocacional, aquela linguagem que convença a nós mesmos para convenceremos os vocacionados e vocacionadas, e esta passa pelo testemunho. Qual é a linguagem vocacional atual? O que dizem os documentos do Magistério? O que diz o Vaticano II que contribuiu para a atualização da linguagem vocacional? Ainda temos mentalidade que defende a linguagem vocacional antiga, tipo OVS (Oração pelas Vocações Sacerdotais). A questão da linguagem é muito importante para ajudar no discernimento vocacional. A mentalidade dos anos 40 ainda é, em muitos lugares, a mentalidade do hoje. Ex: convento como lugar da fuga, da frustração.

Pe. Geraldo Tadeu propôs uma releitura do ministério do Animador Vocacional a partir de três pontos:

**a) Resgate Histórico** – Refere-se à origem do nosso chamado, ao resgate da memória vocacional. É importante recapitular os principais eventos vocacionais da Igreja e a nossa contribuição, pessoal e congregacional. O resgate dos documentos vocacionais da Igreja e da Congregação contribui para perceber o amadurecimento e a modernização do serviço de animação vocacional e para constituir a identidade do trabalho vocacional e do ministério que exercemos. Esse resgate nos ajuda a nos conhecermos melhor.

Neste resgate, identificamos a evolução da linguagem, as diferenças entre PV e SAV, assim como a concepção de Animação Vocacional para o exercício do ministério do animador e da animadora vocacional. O SAV envolve todo o ser da pessoa e a sua realização existencial, não se limitando a uma simples estrutura pastoral, com previsão de atividades e realização de projetos externos à dinâmica da vida. O nosso ministério não é apenas para quem está chegando, mas também para quem está dentro.

O assessor colocou ser importante distinguir entre aquilo que estamos fazendo e o que somos. O ser está no ministério; o fazer está na dinâmica. É importante frisar a diferença que estabelecemos entre pastoral e serviço vocacional para compreendermos a importância do nosso serviço como ministério exercido.

**b) Vocação e Autoconhecimento** – Neste aspecto, é importante contar com outros saberes, como a Psicologia, no trabalho vocacional e para o nosso ministério de animadores vocacionais, pois o conhecimento de si é o primeiro passo para se realizar o discernimento da vocação. É preciso aprofundar questões como: o que Deus espera de mim como animador ou animadora vocacional? Qual é o meu lugar no mundo, na Igreja, na Congregação, na Comunidade? Para que o animador seja capaz de ajudar o vocacionado a refletir e a encontrar um caminho que seja o seu, existencial e de fé, construindo sua identidade em correspondência ao seu verdadeiro ser, é preciso que ele também busque conhecer-se e trabalhar-se. O serviço vocacional também é uma dessas mediações de ajuda e, portanto, um verdadeiro ministério exercido. A vocação está em relação direta com o autoconhecimento. Não poderá discernir o chamado quem não se conhece a si mesmo, suas virtudes e defeitos, de modo que consiga, com o tempo, potencializar o primeiro e corrigir o segundo, de acordo com sua identidade vocacional.

Ao realizar o acompanhamento do vocacionado, o animador vocacional buscará identificar quais são suas necessidades mais profundas, quais atitudes que formam ou direcionam suas ações, e quais valores que cultiva como princípios inalienáveis, formando, inteiramente, seu ideal de vida. Por se tratar de um ministério, o animador vocacional sabe que estará contribuindo, pela presença e orientação, para que o vocacionado empreenda um caminho permanente de descobertas e revelações.

**c) O exercício do Ministério na Animação Vocacional Vicentina** – Para o exercício do ministério, assume-se uma proposta metodológica e pedagógica, que inclui um planejamento para estabelecer o SAVV nas comunidades. Neste sentido, o ministério que exercemos ganha maior credibilidade e consistência. Por uma questão de identidade carismática, a animação vocacional tem duas missões bem específicas, de igual relevância e significado: uma “ad extra” (externa) e outra “ad intra” (interna) ao seu Instituto.

O assessor ressaltou que o ministério da animação vocacional deve considerar sempre os seguintes pilares: a espiritualidade do Carisma (Mística); a inspiração do Fundador (Profética); o estilo de vida religiosa (Testemunho); e a inculturação do Carisma na realidade onde se vive (Missionária).

Às 13h30, Fráter Albertus Pontianus Geroda, CMM, representante dos Fráteres de Nossa Senhora Mãe de Misericórdia, partilhou com a assembleia um pouco da espiritualidade da sua Congregação e, logo após, deu-se continuidade à apresentação das atividades realizadas a partir dos Apelos do VIII Interprovincial do SAVV, ficando a partilha sob a responsabilidade das Filhas da Caridade da Província de Belo Horizonte, das Irmãs Vicentinas de Gysegem, das Filhas da Caridade e Padres da Missão da Província do Rio de Janeiro.

Após o intervalo para o lanche, a assembleia foi dividida em grupos para a elaboração dos apelos. Importante ressaltar o entusiasmo da Equipe de Animação, sempre trazendo muita alegria e vigor ao nosso Encontro.

Às 16h45, a Equipe de Síntese se reuniu para elaborar os apelos, a partir das respostas dos grupos. Nessa Equipe constava de um integrante de cada grupo. À noite, tivemos nossa Noite Cultural, em forma de quadrilha, com direito à quadra devidamente ornamentada e comidas típicas. Tudo feito com muito carinho!

No último dia, 19 de junho, a oração da manhã ficou por conta das Irmãs Vicentinas de Gysegem. Seguiu-se a apresentação, discussão e votação dos novos apelos. A Equipe de Síntese explicou que deram muita atenção às palavras fortes que os grupos enviaram. São elas: ANÚNCIO, ESCUTA, TESTEMUNHO, SENSIBILIDADE, CULTURA, MINISTÉRIO, CORRESPONSABILIDADE, CUIDADO e MÍSTICA. A partir delas, após as devidas modificações, foram assumidos os seguintes apelos:

1. Cultivar Comunidades afetivas e acolhedoras, a partir de uma escuta atenta, sensível e corresponsável, abrindo-se às dimensões humana, cristã e vicentina, para um trabalho integrado frente às novas expressões juvenis.
2. Potencializar a Cultura Vocacional, a partir das relações em nossas Comunidades Locais, como Família Vicentina e em outros níveis eclesiais, proporcionando espaços de formação e de convivência vocacional.
3. Sair ao encontro das juventudes, enraizados na fé, dialogando com suas linguagens a partir do querigma e do testemunho na vivência autêntica do Carisma Vicentino.
4. Assumir uma identidade de animadores vocacionais como ministério amplo, fortalecendo a mística do chamado, buscando o autoconhecimento, à luz da cultura do cuidado.
5. Integrar profissionais interdisciplinares à equipe de animação vocacional a fim de contribuir na compreensão das novas demandas juvenis e das vocações adultas, no acompanhamento e no processo de discernimento vocacional.

Foram apresentadas algumas propostas a serem vividas enquanto Família Vicentina Consagrada. São elas:

1. Organizar a Semana de oração pelas Vocações Vicentinas. Geralmente, uma Província assume e partilha com as demais. A Província das Filhas da Caridade do Rio de Janeiro se comprometeu a assumir essa elaboração. Ficou combinado utilizar o tema “Cristo vive! Somos suas testemunhas” e trazê-lo para a nossa realidade.
2. Realizar alguma ação concreta no Ano Vocacional 2023, cujo tema é “Vocação, graça e missão”.

3. Empreender uma pesquisa vocacional abrangendo o SAVV Nacional, direcionada aos jovens em processo de discernimento vocacional, a partir dos 13 ou 15 anos.

Todas as propostas foram aceitas pelos presentes.

Encerramos o IX Interprovincial do SAVV com a Missa na Capela Nossa Senhora das Graças, presidida pelo Pe. Vandeir Barbosa de Oliveira, CM, Diretor Provincial das Filhas da Caridade, Província do Rio de Janeiro, e dinamizada pelas Filhas da Caridade desta mesma Província. Ao término desta Missa, a Logo foi entregue para a Província de Belo Horizonte, com uma proposta de itinerância entre todos os ramos vicentinos até o X Interprovincial, a realizar-se em Recife.

Pelo encontro fraterno, pelas partilhas profundas carregadas de bons propósitos, e por toda reflexão feita sobre o tema do IX Interprovincial do Serviço de Animação Vocacional Vicentino, damos graças a Deus!



*Só vale a pena viver por um ideal,  
quando se vale a pena morrer por ele!*



## **CELEBRANDO O JUBILEU** *Ir. Vera Brasil da Nóbrega, fc*

"O jubileu será para vós tempo santo!" (Lv 25,10)

Um belo "Festival" de oração, celebração, Missa solene e almoço festivo ocorreu nos dia 19 (à noite) e 20 de agosto deste ano. Foi a comemoração do Ano Jubilar de nossas 9 Irmãs:

### **25 ANOS DE VOCAÇÃO**

**Ileuza Luiza Silva**

Missão Interprovincial Santa Luísa de Marillac (Itapuã do Oeste/RO)

### **50 ANOS DE VOCAÇÃO**

**Ir. Ercília de Jesus Bendine**

Hospital São Vicente de Paulo (Rio de Janeiro/RJ)

### **60 ANOS DE VOCAÇÃO**

**Ir. Odília da Silva Xandu**

Cidade dos Velhinhos Santa Luiza de Marillac (São Paulo/SP)

**Ir. Maria da Paixão**

Casa Mère Blanchot (Rio de Janeiro/RJ)

**Ir. Therezinha de Jesus Sanches Gonçalves**

Colégio Vicentino de Cegos Padre Chico (São Paulo/SP)

### **70 ANOS DE VOCAÇÃO**

**Ir. Denise Marilda Cavalcante de Albuquerque**

Casa Rosalie Rendu (Rio de Janeiro/RJ)

**Ir. Vera Brasil da Nóbrega**

Casa Mère Blanchot (Rio de Janeiro/RJ)

**Ir. Maria Vieira de Castro (Ir. Inês Castro)**

Casa Rosalie Rendu (Rio de Janeiro/RJ)

### **80 ANOS DE VOCAÇÃO**

**Ir. Marta Pereira (Ir. Vicência)**

Casa Rosalie Rendu (Rio de Janeiro/RJ)

Todas as jubilandas se sentiram emocionadas e agradecidas a Deus, em primeiro lugar, pelo insigne dom da vocação, a linda pérola do Evangelho e agradecidas a Ir. Selma e suas auxiliares, pelo capricho, organização, carinho, pelo "Festival". Foi tudo lindo, até nos detalhes. O tema aprofundado foi o Evangelho da parábola do tesouro e da pérola (Mt 13, 44-46). As Irmãs foram consideradas "pérolas" que Deus criou e preparou para Ele! Que responsabilidade!... Que felicidade!

A Santa Missa, celebrada pelo Pe. Vandeir e concelebrada pelo Pe. Pedrinho, foi muito festiva, fervorosa. Após a homilia, as jubilandas renovaram seus votos, colocando mais uma vez o seu SIM pequenino dentro do grande SIM de Maria, Nossa Senhora da Assunção.

As jubilandas idosas foram incentivadas a viverem esta etapa de suas vidas, a da "juventude acumulada", com fervor, numa busca mais acentuada do Senhor, na fidelidade, no silêncio, na gratidão por tudo, na alegria e na confiança, na humildade pelas limitações próprias da etapa, conforme as palavras de Notre Mère em sua carta.

O "Magnificat" foi a oração que envolveu as Irmãs e, certamente, como um perfume, permanecerá em seus corações agradecidos. Toda vocação é um tesouro, uma pérola encontrada".

"A gratidão é uma disposição para nova graça." (São Vicente, IV, 256)

Um depoimento que calou: durante o almoço, o irmão de Ir. Vera Brasil da Nóbrega disse: "Vocês são especiais mesmo. É só olhar a alegria ao se encontrarem; uma alegria diferente da que se vê por aí". E a irmã de Ir. Vera, também presente, declarou: "Isto se deve à pureza das Irmãs." Realidade nossa! Que lindo!







## INGRESSO NA ETAPA DO PRÉ-POSTULADO

*Ir. Vanessa Oliveira Rosa, fc*

*“É preciso pedir com frequência a Nosso Senhor, pois Ele é o autor desta obra, conceder às pessoas que entrarão na Companhia, o espírito que Ele quer que todas tenham, para assim continuar o bem começado.” (SV, X,117)*

Após um período de discernimento, ouvindo a voz de Deus que chama e espera uma resposta, Alice Santos Mendonça Gonçalves e Leiliane Alexandre dos Santos desejaram dar um passo a mais na caminhada vocacional, ingressando na etapa do Pré-Postulado da Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, Servas dos Pobres. Alice ingressou no dia 30 de julho e Leiliane, no dia 07 de agosto.

Estiveram presentes nestas datas festivas, as Irmãs da Comunidade Casa da Criança Dom Antônio José dos Santos, onde as jovens foram acompanhadas, a Irmã responsável pelo Serviço de Animação Vocacional Vicentino e pela etapa do Pré-Postulado, o Padre da paróquia local, familiares das jovens, leigos da comunidade local e amigos que fazem parte da vida de cada uma delas.

As duas jovens farão o Pré-Postulado na Casa da Criança Dom Antônio José dos Santos, na cidade de Assis/SP, quando terão a oportunidade de conviver com as Irmãs desta Comunidade para, assim, conhecer mais de perto a realidade de vida e a missão que as Irmãs realizam.

Queremos expressar a nossa gratidão a Deus pelo SIM que estas jovens deram, assumindo com responsabilidade esta nova etapa da caminhada vocacional. Peçamos a Deus que conceda a graça da perseverança e fidelidade ao chamado que o Senhor fez a cada uma delas, e que Maria, nosso modelo de serva fiel, as ajude a responder com generosidade ao SIM dado nesta data especial. Que elas possam estar sempre com os corações abertos para que o Espírito Santo as guie em cada momento.

Na certeza que Deus continua chamando e suscitando no coração dos/as jovens o desejo de segui-lo mais de perto, peçamos ao Senhor da Messe que envie mais operários para a sua Messe.

## NOSSAS IRMÃS NA CASA DO PAI

### Irmã Rosalia da Silva Serra



Ir. Rosalia da Silva Serra nasceu em Santana do Parnaíba, São Paulo, a 18.01.1917, filha de Guilherme da Silva Serra e Angela Maria da Fonseca, que a fizeram batizar com apenas três dias de nascida. Em 09 de abril de 1939, sentindo-se chamada por Deus, ingressou no Postulado, na Santa Casa da Misericórdia, no Rio de Janeiro. Em 13.07.1939, ingressou no Seminário. Recebeu o hábito em julho de 1940, sendo enviada ao Dispensário São Vicente de Paulo (Creche Irmã Paula), no Rio de Janeiro/RJ.

Ir. Rosalia entrou na Companhia desejando santificar-se no serviço de Jesus Cristo nos Pobres. Dizia ser este o seu ideal e sentia-se muito feliz por tê-lo realizado. Entregou-se de corpo e alma ao cuidado dos Pobres doentes enquanto teve forças e saúde. Era acolhedora, prudente, dedicada, de grande espírito de fé, de oração, fraterna, participativa.

Sua sólida convicção de pertença à Companhia era perceptível pelo amor à própria vocação e à vida comunitária, além de sua busca constante por Deus através da oração e da Sagrada Eucaristia. Sua devoção à Maria também era notável.

Ir. Rosalia serviu os Pobres nas seguintes Comunidades:

- Dispensário São Vicente de Paulo (Creche Irmã Paula) - Rio de Janeiro/RJ
- Sanatório de Nogueira - Petrópolis/RJ
- Casa de Custódia e Educação Nossa Senhora da Piedade Paraíba do Sul/RJ
- Casa dos Pobres São Vicente de Paulo - Nova Friburgo/RJ
- Santuário de Palmira - Santos Dumont/MG
- Asilo dos Alienados - Barbacena/MG
- Lar Santo Antônio - Guarulhos/SP

- Santa Casa - Monte Santo/MG
- Sanatório da Marinha - Nova Friburgo/RJ
- Hospital de Mangaratiba/RJ
- Casa da Providência - Mariana/MG
- Hospital Nossa Senhora da Conceição - Entre Rios/RJ
- Hospital São Vicente de Paulo - Campina Verde/MG
- Santa Casa de Misericórdia - Rio de Janeiro/RJ
- Hospital Central do Exército - Rio de Janeiro/RJ
- Santa Casa - Assis/SP
- Hospital da Caridade - Paraguaçu Paulista/SP
- Creche Catarina Labouré - São Paulo/SP
- Casa Mère Blanchot - Rio de Janeiro/RJ

No Hospital São Vicente de Paulo, no dia 16 de maio de 2022, com 105 anos de idade e 78 anos de Vocação, o Senhor a chamou para contemplá-Lo face a face. Que Irmã Rosália, descanse em paz e interceda junto a Deus pela Companhia, pelos pobres, pelas vocações e pelos seus familiares. Amém!



### **Irmã Maria Ilná Oliveira Lima**

Ir. Maria Ilná nasceu no dia 22 de outubro de 1926 em Targinos, Ceará, filha de João Oliveira e Laura Lima. Acolhendo o chamado de Deus, ingressou na Companhia das Filhas da Caridade no dia 30 de abril de 1943 e foi enviada em Missão em 26 de junho de 1944.

Ir. Maria Ilná estava sempre atenta à sua vida espiritual, procurando ter momentos fortes de oração, para alimentar a sua vida fraterna. Esforçava-se por realizar bem a missão que Deus lhe confiava. Procurava dar testemunho de união, fraternidade, alegria, amor e amizade.

Demonstrava um grande amor à sua vocação e se entregava inteiramente ao serviço dos pobres. Esforçava-se para viver bem a vida fraterna sendo

muito disponível, pronta e alegre, lembrava-se sempre de que Deus reuniu as Irmãs para viverem em espírito de humildade, simplicidade e caridade. Era muito dedicada, responsável e possuía grande capacidade de trabalho. Reconhecia-se ser uma pessoa exigente e sempre buscava conhecimentos novos para servir melhor.

Ir. Maria Ilná serviu Jesus Cristo na pessoa dos pobres nas seguintes casas:

- Obra do Berço - Rio de Janeiro
- Pupileira - Vitória/ES
- Creche Nossa Senhora da Salete - São Paulo/SP
- Casa da Criança Dom Antônio José dos Santos - Assis/SP
- Creche Catarina Labouré - São Paulo/SP
- Cidade dos Velhinhos Luísa de Marillac - Rio de Janeiro/RJ
- Casa Mère Blanchot - Rio de Janeiro/RJ

Ir. Maria Ilná partiu para o encontro com o Pai no dia 25 de maio de 2022, com 95 anos de idade e 79 anos de vocação. Ao Pai, pela intercessão da Santíssima Virgem Maria, única Mãe da Companhia, dirigimos nossas preces pelo seu descanso eterno.



## **SOLIDARIZANDO-NOS COM AS NOSSAS IRMÃS NA DOR**

Ir. Aparecida Rezende Cardoso - irmã e cunhada

Ir. Inácia Maria Leite - irmã

“Senhor, enviai bons operários à vossa Igreja, mas que sejam bons; enviai bons missionários, tais como devem ser, para que bem trabalhem em vossa vinha; pessoas, ó meu Deus, desapegadas de si mesmas, de suas próprias comodidades e dos bens terrenos. Não importa se em pequeno número, contanto que sejam bons. Concedei, Senhor, esta graça à vossa Igreja” (SV XI, 357).





COMPANHIA DAS  
**FILHAS DA CARIDADE**  
DE SÃO VICENTE DE PAULO  
PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO

## Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo

Rua Dr. Satamini, 333 - Tijuca - Rio de Janeiro - CEP 20.270-233  
Telefone: (21) 2563 9450 | [filhasdacaridaderj.org.br](http://filhasdacaridaderj.org.br)